



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



## **Relatório final de Estágio**

### **Escola Básica Eugénio dos Santos**

Relatório final de Estágio realizado na Escola Básica Eugénio dos Santos, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

**Orientador:** Professor Doutor António José Mendes Rodrigues

#### **Júri**

Presidente:

Doutora Ana Luísa Dias Quitério, professora auxiliar da Faculdade Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais:

Doutor António José Mendes Rodrigues, professor auxiliar da Faculdade Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Doutora Maria João Figueira Martins, professora auxiliar da Faculdade Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Henrique Lourenço Ferreira

**2021**



UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório final de Estágio realizado na Escola Eugénio dos Santos, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Este relatório foi produzido com base na experiência do Estágio Pedagógico em Educação Física desenvolvido na Escola Eugénio dos Santos sob a supervisão do Professor Doutor António José Mendes Rodrigues e da Mestre Maria Manuela Moura Pimentel Fonseca Pereira Jardim, no ano letivo de 2020/2021.

Henrique Lourenço Ferreira  
**2021**

## **Agradecimentos**

**Aos meus pais e irmã**, por falarem comigo todos dias, por me terem ouvido, que deram carinho e conforto quando mais precisava. A pressão que punha a mim mesmo foi retirada por eles, nunca me obrigaram a nada nem exigiram que seguisse caminhos que não me apaixonavam.

**À Maria**, pelo apoio, pela compreensão, por me ajudar a focar nos momentos mais exigentes, mas simultaneamente distrair-me deles. Porque longe, esteve sempre perto.

**A todos os outros membros da família**, que me acompanham, que me suportam, que fazem das suas pequenas ações um rapaz gigante.

**Ao Tiago, colega de estágio**, por me incluir diariamente, porque partilhámos, cada dúvida, cada problema, cada sugestão e cada solução. As minhas dificuldades foram aceites como se fossem as dele, porque juntos demos sentido à expressão “trabalho em equipa” e, porque possibilitou que o caminho feito até hoje, feito passo a passo com muitos altos e baixos, fosse feito para que tivesse sucesso.

**Ao Nelson, colega de estágio**, pela disponibilidade, pela aceitação imediata da minha personalidade, porque nunca se colocou em primeiro lugar nem levou o estágio como uma competição, por remar ao nosso lado em todos os momentos colaborando e tornando-se num colega para a vida toda.

**À orientadora de escola**, por todas as palavras proferidas, gestos, presenças e olhares. Pela exigência, pelo perfeccionismo e por inculcar em nós, a não tranquilidade e a procura de sermos mais, no fundo, por tudo.

**Ao orientador de faculdade**, pelos conselhos minuciosos, pela exigência de registo do nosso trabalho, pela educação e por sentir que apesar de este ser o nosso último ano, é um professor que não esquece os alunos e comunica para a vida.

**Aos meus alunos, à turma do 7º ano**, por terem sido os primeiros alunos que tive de ensino básico, por serem pessoas extraordinárias. Tornaram o meu trabalho mais fácil e prazeroso, o contacto direto com a turma teve muitos momentos felizes. Pelo respeito, pelo interesse, pela aplicação, no fundo, eles fizeram de mim um melhor professor.

**Aos meus colegas e amigos**, pelos desabafos, por me ampararem num ano onde pela primeira vez não pratiquei a modalidade que me dá prazer, o futsal. Porque apesar de não podermos estar juntos fisicamente, falamos todos os dias e rimos todos os dias, pela elevação que fazem de mim, completam-me.

**A todos aqueles** que diretamente ou indiretamente me ajudaram, basta um sorriso, uma palavra, uma mão estendida.

Invictus

“Não importa quão estreita a passagem,  
Quantas punições ainda sofrerei,  
Sou o senhor do meu destino,  
E o condutor da minha alma.”

*William Ernest Henley*

## Resumo

O presente relatório enquadra a minha participação enquanto professor estagiário da disciplina de Educação Física na Escola Básica Eugénio dos Santos do Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor, em Lisboa, no ano letivo de 2020/2021.

O processo de estágio caracteriza-se como um momento ímpar naquela que é a integração do estagiário em contexto profissional, sendo que é o culminar com a realidade que se irá confrontar enquanto profissional. Foi, simultaneamente, uma oportunidade única para atuar como agente na inovação e elaboração de novas estratégias perante um ano atípico marcado por uma pandemia a nível global.

Através deste momento de formação percebi que o trabalho de professor vai muito para além de organizar e conduzir os alunos e, devido a isso, neste relatório, abordo as diferentes áreas de intervenção do docente bem como os diferentes momentos e a sua resposta, provando que o trabalho de professor vai muito para além do processo de ensino aprendizagem. Em especial durante uma pandemia vinco a importância dos professores para se manterem preparados para aprender novos métodos de trabalho e renovar-se a cada dia que passa.

Relativamente à disciplina de Educação Física tem um valor incontestável no currículo do aluno sendo que contribui para uma educação integral dos jovens. Através dos momentos de reflexão percebi que o papel a desempenhar deve assentar em relações humanas positivas em que se mobiliza os alunos a maximizar o tempo na escola, para que desenvolvam conhecimentos e também para que se tornem cidadãos conscientes no futuro próximo.

Finalmente o culminar deste processo de estágio resultou numa definição daquele que pode ser o meu percurso profissional.

Palavras chave: Ensino Online; Educação Física; Avaliação; Planeamento; Adaptação; Crenças; Identidade profissional; Reflexão; Ensino-aprendizagem; Professor;

## **Abstract**

This report frames my participation as a trainee teacher of the Physical Education subject at Eugénio dos Santos Basic School of the Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor, in Lisbon, in the academic year 2020/2021. The internship process is defined as a unique moment in the integration of the intern in a professional context, and it is the culmination with the reality that will be confronted as a professional. It was, at the same time, a unique opportunity to act as an agent in innovation and development of new strategies in an atypical year marked by a global pandemic.

Through this training moment I realized that the teacher's work goes far beyond organizing and leading students and, due to that, in this report, I address the different areas of teacher intervention as well as the different moments and their response, proving that the teacher's work goes far beyond the teaching-learning process. Especially during a pandemic, I stress the importance of teachers to stay prepared to learn new working methods and renew themselves with each passing day.

Regarding the discipline of Physical Education, it has an undeniable value in the student's curriculum and contributes to an integral education of young people. Through moments of reflection, I realized that the role to be played must be based on positive human relationships in which students are mobilized to maximize their time at school, so that they develop knowledge and also to become conscious citizens in the near future. Finally, the culmination of this internship process resulted in a definition of what my professional quest could be.

Keywords: Online Teaching; PE; Assessment; planning; Adaptation; beliefs; Professional identity; Reflection; Teaching-learning; Teacher;

## **Lista de Abreviaturas**

AERDL – Agrupamento de Escolas Rainha D. Leonor

EBES – Eugénio dos Santos

PAT – Plano Anual de turma

EF – Educação Física

AI – Avaliação Inicial

GEF – Grupo de Educação Física

PAI – Protocolo de Avaliação Inicial

DE – Desporto Escolar

CT – Conselho de Turma

DGS – Direção Geral de Saúde

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

PNEF – Programas Nacionais de Educação Física

CAP – Comunidade de Aprendizagem

## Índice

|  |     |
|--|-----|
| Agradecimentos.....  | III |
| Resumo .....   | V   |
| Abstract .....   | VI  |
| Lista de Abreviaturas .....  | VII |
| 1. Introdução.....   | 1   |
| 2. O começo – Compreender o habitat .....  | 3   |
| 2.1. O Agrupamento .....   | 3   |
| 2.1.1. Contexto Sociocultural e Económico.....   | 6   |
| 2.1.2. Infraestruturas e apetrechamento .....  | 7   |
| 2.2 Grupo de Educação Física .....   | 8   |
| 2.3 Apollo 11 – O núcleo de estágio .....  | 11  |
| 2.4 Momentos incertos – Das reuniões ao início de aulas .....                                    | 12  |
| 3 Renegado... voltar à escola, desta vez do outro lado .....                                     | 14  |
| 3.1. A Direção de turma – parte I.....   | 15  |
| 3.2. Conhecer os alunos – Refinar o ensino.....  | 18  |
| 3.3. Avaliar para planear, planear para conduzir, conduzir para ensinar e voltar a avaliar ..... | 20  |
| 3.4. O planeamento por etapas e Unidades de Ensino – Peças de Lego .....                         | 24  |
| 3.5. A condução do ensino .....  | 29  |
| 3.6. Autoscoopia - O mito de Sísifo .....  | 34  |
| 3.7. Yin e Yang - Da avaliação formativa à avaliação sumativa.....                               | 36  |
| 4. Ensino em Casa .....  | 41  |
| 4.1 Subscrição SchoolFlix .....  | 41  |
| 4.2 Sê a Voz não o Eco – A direção de turma parte II .....                                       | 44  |
| 5. De volta à escola – Uma boa luta .....  | 48  |
| 5.1. O produto final - Desporto Escolar.....   | 48  |
| 5.2. Semana a tempo inteiro .....  | 52  |
| 5.3. Jogos Eugénio do Santos.....  | 54  |
| 5.4. Investigação – Como podemos evoluir e a quem nos rodeia.....                                | 56  |
| 6. Conclusões – O apito final .....  | 60  |
| 7. Referências Bibliográficas.....   | 63  |
| 8. Documentos consultados.....   | 66  |

## **Índice de figuras**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - PAT .....   | 26 |
| Figura 2 - Ficha de observação .....   | 35 |
| Figura 3 - Exemplo visual de dinâmicas de jogo (combate ao jogo anárquico). .....                    | 35 |
| Figura 4 - Exemplo visual da disposição de material e funcionamento das estações -<br>Ginásio A..... | 36 |
| Figura 5 - Exemplo de ficha: Em que nível me encontro .....  | 38 |
| Figura 6 - Quizizz, Classificação geral .....  | 42 |
| Figura 7 - Classificação do google forms .....   | 43 |
| Figura 8 – Parte da constituição da Tabela Avaliação de Ginástica .....                              | 50 |

## **Índice de tabelas**

|   |    |
|---|----|
| Tabela 1 - Barreiras e respetivas sugestões para utilização de novas tecnologias<br>(programa FITescolas) na comunidade de docentes de EF ..... | 58 |
|---|----|

## 1. Introdução

Em primeiro lugar, escrevo aqui um testemunho honesto daquilo que foi a minha passagem pelo estágio curricular, não só enquanto estagiário, mas também como professor de educação física (EF), professor de formação cívica, treinador de desporto escolar (DE), colega, diretor de turma, estudante e muitas outras funções que desempenhei ao longo do ano. Simultaneamente, pretendo contar a minha história pessoal de como foi trabalhar na área da educação, onde o percurso começou com o desejo de encontrar um lugar para me inserir na sociedade, uma forma de organizar a minha mente confusa com o futuro, de como me desenvolvi para encontrar um propósito para a minha vida e ao mesmo tempo ajudar a comunidade.

De referir que este processo contínuo que foi o estágio pedagógico do qual resultou no meu desenvolvimento profissional, foi inserido no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Pedagógico, alusivo àquele que é o segundo ano de ciclo de estudo do Mestrado em Ensino de Educação Física nos ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana, desenvolvido na Escola Básica Eugénio dos Santos do Agrupamento (EBES) de Escolas Rainha Leonor (AERDL).

O relatório é construído de acordo com áreas 1 a 4 do Guia de Estágio e as competências inerentes às mesmas definidas no guia, no entanto o presente documento não segue pormenorizadamente a ordem estrutural do guia uma vez que as áreas são abordadas em diferentes momentos do relatório. Este apresenta uma dimensão descritiva e de análise: retratando ao pormenor o contexto e as tarefas desenvolvidas bem como os seus resultados; como também, uma dimensão de análise crítica e prognóstica: descrevendo, baseado nos momentos de reflexão, quais as soluções para problemas, possibilidade de melhoria e os métodos a adotar enquanto futuro profissional.

Portanto a composição do relatório de estágio aglutinará várias componentes que aparentemente se opõem, a experiência e opinião pessoal bem como a componente teórica e técnica baseada em referências científicas. No entanto considero que na área de EF estas componentes juntas apresentam um papel fundamental naquele que é o desenvolvimento profissional do docente.

Devido à situação pandémica considero que existiram 4 grandes momentos de estágio separados temporalmente e que marcaram diferenças visíveis nos métodos e no processo de estágio: foram eles o início das reuniões e, de seguida, o primeiro período de aulas, o ensino em casa e por fim o regresso ao ensino presencial. Por isso, em termos de estrutura, o documento está organizado de forma a que exista uma

simbiose entre estes quatro momentos e a estrutura presente no guia de estágio. A versatilidade do mesmo implica que possam ser abordados trechos de qualquer área 1 a 4, em qualquer momento do relatório, não obstante a que cada capítulo ou subcapítulo esteja organizado a descrever uma área singular. Na primeira parte do documento – “O começo – compreender o habitat” - é abordado o nível macro das estruturas escolares bem como o nível meso que aborda reuniões, processos do Grupo de Educação Física (GEF) e o núcleo de estágio. Já na segunda parte – “Renegado... voltar à escola, desta vez do outro lado” – aborda na sua grande maioria os processos de avaliação, planeamento e condução bem como alguns processos de outras áreas naquele que foi o ensino presencial. Já no – “Ensino em casa” são abordados, de uma maneira, geral todos os processos adaptativos que ocorreram naquele que foi o inédito ensino em casa”. Por fim, o último grande momento “De volta à Escola – uma boa luta” – reporta na sua grande maioria as áreas 2 3 e 4 do estágio aquele que foi o combate para cumprir muitas das coisas que estavam a ficar para trás no tempo como: a investigação, a semana completa, os jogos Eugénio dos Santos, o produto final do DE, entre outras.

## **2. O começo – Compreender o habitat**

### **2.1. O Agrupamento**

A minha segunda casa neste ano letivo, o Agrupamento de Escolas Rainha Dona Leonor, nasceu no ano 2013 em Lisboa, na freguesia de Alvalade. É constituído por seis unidades educativas, nomeadamente ES Rainha Dona Leonor (3º ciclo e secundário), EBES (2º e 3º ciclo), EB Coruchéus, EB São Miguel, EB Rainha Dona Estefânia-Hospital e EB Santo António, todas elas de 1º ciclo à exceção desta última que possui educação pré-escolar. A Escola Rainha D. Leonor é a sede do agrupamento.

O AERDL tem como órgãos de administração e gestão do agrupamento:

- O Conselho Geral é o órgão de direção estratégica responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade do AERDL. A diretora Dr<sup>a</sup>. Hermínia Silva, eleita pelo Conselho Geral, é o órgão de administração e gestão do AERDL nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. Representa todo o agrupamento, exerce poder hierárquico sob o pessoal docente e não docente
- De acordo com o decreto-lei nº 137/2012 de 2 de julho, o Conselho Pedagógico é o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa do AERDL, nomeadamente nos domínios pedagógico e didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente.
- O Conselho Administrativo, presidido pela diretora é o órgão deliberativo em matéria administrativo-financeira do AERDL. Este aprova o projeto do orçamento anual, elabora o relatório de contas, gere as despesas da instituição e zela pela atualização do cadastro patrimonial.

A cultura e organização escolar é altamente influenciada por estes órgãos definidos acima que têm a autonomia necessária para criar um Projeto Educativo, gerir o orçamento, definir um Plano Anual e Plurianual de Atividades. Como estagiário da AERDL fui negligente pois não tomei o devido conhecimento acerca destes órgãos. Percebo, com a realização deste relatório, a importância e a influência que têm sob a cultura escolar, e se realmente existe um desejo de marcar pela diferença e apresentar competência e qualidade de trabalho como futuro professor é fundamental tomar conhecimento deste Regime de Administração e Gestão dos estabelecimentos de ensino tal como realizar uma leitura atempada regulamento interno do agrupamento. Só deste modo se torna possível realizar um trabalho individual em paralelo com as orientações oficiais da instituição. Para uma análise mais aprofundada desta estrutura

organizacional é possível verificar os artigos 8º, 9º e 10º do regulamento interno (Agrupamento de escolas Rainha D. Leonor, 2016, p. 10).

Segundo os dados do Projeto Educativo obtidos em 2018, o agrupamento contava com 235 docentes, 61 não docentes e 2921 discentes. Na EBES, a população escolar é composta por 857 alunos divididos por 34 turmas.

Após começar a conhecer o agrupamento e a população que o constitui, fiz a associação para os conteúdos teóricos adquiridos no primeiro ano de mestrado, estes expunham que cada organização escolar é única, ou seja, todas as escolas do nosso país apresentam diferenças culturais entre si mesmo estando sob a alçada do mesmo sistema educativo. É através da leitura Projeto Educativo da AERDL, que também é um documento único em cada agrupamento, que denotei que a visão do AERDL assenta no “direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para a qualidade e o sucesso educativo, favorecendo o desenvolvimento global da personalidade” (Agrupamento de escolas Rainha D. Leonor, 2019, p. 22). Já a sua missão é “construir e consolidar um agrupamento de escolas dinâmico e centrado no aluno, que crie oportunidades educativas e promova uma educação rigorosa e de qualidade, tendo em vista o sucesso académico e educativo” (Agrupamento de escolas Rainha D. Leonor, 2019, p. 22). Ao mesmo tempo, também consiste em “contribuir para o desenvolvimento pessoal e social do aluno, preparando-o, no presente e futuro, para o exercício de uma cidadania interveniente e responsável, num mundo cada vez mais globalizante e em rápida mudança, em que urge formar cidadãos autónomos, críticos, responsáveis, criativos e ativos, capazes de atuar” (Agrupamento de escolas Rainha D. Leonor, 2019, p. 22). Ao realizar a leitura e interpretar o documento acima referido conclui-se que durante o ano de estágio respeitei a missão e a visão do agrupamento. Não só contribuí para o sucesso académico do aluno – nas aulas de EF e treinos de DE - mas também para o seu desenvolvimento pessoal e social - tendo sido um objetivo em formação cívica (área 4).

Apesar de ter estado um ano letivo na AERDL confesso que o conhecimento de todos os órgãos e estruturas foi insuficiente. Após a leitura do Regulamento Interno de forma mais diligente percebe-se a pertinência de algumas reuniões que se realizaram no início do ano. É fundamental não só ter conhecimento da disciplina de EF, mas também ter informações acerca de todas as dinâmicas escolares, conhecendo por exemplo, que no artigo nº 52 se encontram as competências dos departamentos curriculares, competências essas indispensáveis para obter sucesso enquanto profissionais, daí a importância de entender as mesmas. Apesar de admitir ter conhecimento insuficiente dos órgãos e estrutura, depreendo que este não se adquire apenas com a leitura dos documentos, mas também experienciando o agrupamento no

dia a dia e ano após ano. Ou seja, com o passar do tempo surge a experiência e conhecimento, que aliados a uma procura ativa das informações acerca do agrupamento em que se está inserido torna-se tangível conhecer com detalhe os órgãos e estrutura da “nossa segunda casa”.

Para o período de três anos 2019/2022, o Projeto Educativo do agrupamento (Agrupamento de escolas Rainha D. Leonor, 2019, p. 23-24) estabeleceu 6 objetivos:

- Melhorar os resultados académicos;
- Proporcionar oportunidades de aprendizagens de qualidade;
- Fomentar atitudes e comportamentos adequados às aprendizagens;
- Incentivar o trabalho em equipa;
- Promover uma cultura de participação, integração, confiança e sentido de pertença ao Agrupamento;
- Melhorar o funcionamento e a eficácia dos Órgãos e Estruturas do Agrupamento e gerir com eficácia os recursos humanos e materiais.

Ribeiro & Marques (2010) reconhecem o Projeto Educativo de Escola/Agrupamento como um elemento estruturante da ação educativa e como uma estratégia fundamental para a mudança. Assim, não pode ser reduzido a um mero documento legal que é exigido às escolas, o que constitui uma forma muito redutora de o encarar, devendo funcionar como uma alavanca que faz movimentar a comunidade educativa, que a põe a pensar sobre si própria, os objetivos que pretende alcançar, as prioridades que quer colocar e as necessidades/problemas que quer solucionar. (Ribeiro & Marques, 2010). Partilho o ponto de vista dos autores, não basta escrever o Projeto Educativo é necessário refletir sobre os conteúdos do mesmo por forma a promover a mudança da organização onde lecionamos, daí a importância não só da construção do documento, mas simultaneamente a leitura individual do mesmo por parte de cada profissional vinculado à escola, deste modo dá-se sentido às políticas de educação local, gerindo os recursos da melhor forma e globalizando os esforços da ação educativa.

A realização do estágio pedagógico, como referi anteriormente, ficou aquém do desejado no conhecimento e na aplicação do Projeto Educativo. Reconheço que se desejo fazer a diferença nos alunos e construir uma escola autónoma, é fundamental trabalhar em paralelo com a organização, ter o conhecimento de todos os órgãos, documentos, serviços e informações do agrupamento, a fim de poder agir de acordo com as metodologias de intervenção. Deduzo então que para ter sucesso considerável no meu futuro profissional, é essencial uma pesquisa profunda de todos estes documentos que compõem os elementos da cultura organizacional escolar, conhecendo

estas referências podemos agir de acordo com a filosofia da escola e dar sentido ao Projeto Educativo.

Ademais, existe o Plano Anual de Atividades que é o documento de planeamento que orienta o trabalho a realizar pela comunidade escolar no sentido de complementar e enriquecer o processo de ensino e de aprendizagem, alargando assim as experiências educativas para além das atividades curriculares.

Como núcleo de estágio procurámos rapidamente organizar uma atividade que fosse ao encontro deste plano anual, no entanto, com a pandemia o núcleo apresentou algum ceticismo quanto á realização deste tipo de projetos. No Plano Anual de Atividades estava inicialmente descrito que seria uma mais valia a proximidade e união entre todas as escolas do agrupamento na partilha de atividades e instalações sendo que, como consequência da coletivização, o currículo dos alunos iria enriquecer. Infelizmente a situação pandémica obrigou a que as escolas tivessem o máximo de cuidados de saúde logo, este documento foi adaptado para evitar saídas da escola, promovendo atividades no espaço escolar e de valorização do trabalho realizado pelos alunos. O núcleo de estágio adaptou o seu projeto com as novas indicações e contribuiu ativamente para o cumprimento deste Plano Anual de Atividades com os “Jogos Eugénio dos Santos” (discriminado mais à frente).

No futuro enquanto docente, para realizar um trabalho de acordo com a filosofia do agrupamento onde estarei inserido é necessária uma leitura dos documentos acima referidos afim de interpretar da melhor forma a cultura e organização escolar. Uma vez que cada escola apresenta um contexto cultural diferenciado é necessário ler o Projeto Educativo, entender a visão e missão do agrupamento tal como os seus objetivos e metas.

### **2.1.1. Contexto Sociocultural e Económico**

De acordo com os dados mencionados no Projeto Educativo, a freguesia de Alvalade caracteriza-se pela sua heterogeneidade de grupos socioeconómicos. A partir da década de 80 verificou-se a presença de população flutuante, no geral jovens, não residentes, que trabalham ou estudam na área. Devido a estas circunstâncias, ao longo dos anos a população tem vindo a mudar de forma gradual, verificando-se a existência de uma percentagem de alunos que não residem na freguesia, ou próximo dela. Apesar desta heterogeneidade, sabemos através dos censos de 2021, que cerca de 35% da população apresenta qualificação referente ao ensino superior, complementado por cerca de 15% com o ensino secundário. A outra metade da população tem um nível de

instrução considerado baixo, que varia num espectro do 3º ciclo ao analfabetismo (Agrupamento de escolas Rainha D. Leonor, 2019 p. 6-14). É importante reter dados acerca do nível educacional da população, pois o contexto onde a escola está inserida têm influência direta naquele que é o percurso académico dos alunos. De acordo com Fan & Williams (2009), os resultados escolares dos alunos tendem a ser influenciados pelo grau académico que os seus pais possuem. O facto de estes valorizarem e acompanharem a educação dos filhos e formar expectativas para seu sucesso académico vai provavelmente fomentar interesse e a confiança dos alunos para obterem bons resultados escolares. Além disso, para capacitar os alunos a desenvolverem competências a fim de terem mais sucesso académico ao longo da sua educação, existem programas destinados aos Encarregados de Educação (EE) onde se fomentam ambientes domésticos de afeto e autonomia durante adolescência (Turner et al., 2009). Com estes estudos depreendo que é fundamental um bom contexto para alcançar sucesso nos resultados escolares, logo, como professor é fundamental transmitir este tipo de informação constantemente com os pais afim de aconselhar e comunicar sobre o sucesso académico do aluno.

### **2.1.2. Infraestruturas e apetrechamento**

Ao chegar pela primeira vez a uma instituição, o professor necessita imediatamente de conhecer minuciosamente os respetivos espaços de aula e o material que tem disponível para a mesma. Torna-se impossível realizar um planeamento coerente se o docente não realizar uma análise do material existente e os espaços que tem disponível para lecionar as suas aulas. Sendo assim, quando cheguei à EBES procurei de imediato conhecer os espaços de aula e o material que teria à disposição ao longo do ano letivo para recolher informação a fim de preparar o planeamento. A EBES conta assim com 6 espaços para a prática da disciplina de EF, quatro interiores e dois exteriores, salas de aula teórica e salas de aula com computadores, neste último caso necessárias para formação cívica.

Relativamente à EF existe o ginásio A, espaço coberto e equipado para várias matérias como o badminton, a ginástica e o voleibol e com um piso modular - com alguma humidade torna-se inútil para a prática. Ao chegar e analisar o espaço de aula, foi notório que, apesar de ser o maior espaço interior para lecionar, este considera-se de reduzidas dimensões, pelo que planear uma boa distribuição de estações, rotações e o posicionamento dos alunos torna-se imprescindível. O ginásio B esteve ocupado ao longo do ano com material de ginásio pelo GEF, que o utilizava semanalmente para

sessões de crossfit. O ginásio C servia muitas vezes como plano B, funcionando como alternativa caso chovesse, aquando da realização das aulas no exterior; neste pequeno espaço de dimensões reduzidas era possível realizar aulas de condição física, dança ou para os treinos de DE de ginástica. Ainda no espaço interior, existe uma sala destinada ao DE nomeadamente à modalidade de ténis de mesa.

Os espaços exteriores contam com o pátio principal (PP) composto por uma área de grandes dimensões que contém: dois campos de andebol/futsal, devidamente equipados com quatro balizas, quatro de basquetebol com oito tabelas e respetivas marcações, pista de atletismo e caixa de areia, destinada ao salto em comprimento. O piso é propício a lesões sendo este composto por alcatrão o que me causou algumas preocupações. Os docentes encontram-se muitas vezes condicionados para prescrever alguns gestos técnicos (como por exemplo a receção de sola no futsal), para além disso seria importante à escola investir nas marcações do campo uma vez que na prática dos desportos coletivos era regular o incumprimento das regras pois não existia marcação visível. Uma estratégia para contornar esta situação foi a colocação de marcadores, mas ainda assim os alunos perdiam alguma noção do terreno de jogo. O facto de não existirem linhas visíveis prejudica claramente a organização da aula uma vez que não são a melhor solução para ver as dimensões do terreno e fazem com que dispense um maior tempo para preparar a aula posicionando-os nos locais corretos. Acontece o mesmo no pátio superior (PS), este também de alcatrão e sem marcações no campo, com dimensões semelhantes a um campo de futsal, equipado para várias modalidades, possuindo duas balizas e quatro tabelas de basquetebol. Neste espaço, é possível também utilizar um corredor conhecido como a "galeria", podendo ser utilizado para o ensino da patinagem uma vez que é composto por um piso liso.

Em suma, conhecer os recursos do agrupamento torna-se fundamental para planear e organizar as aulas ao longo de todo o ano, e a recolha de informações torna-se essencial para elaborar Plano Anual de Turma (PAT). Todas as informações relativas a esta temática afetaram diretamente o modo como planeei e, posteriormente, conduzi a aula, no entanto, para realizar um trabalho coerente procurei em todos os momentos sempre maximizar os recursos existente afim de tirar o melhor rendimento dos alunos.

## **2.2 Grupo de Educação Física**

Os Subdepartamentos são as estruturas que asseguram a articulação e a gestão curriculares. Dele fazem parte tanto o grupo 260 como o 620, este último foi o grupo ao qual pertenci, uma vez que estava inserido numa turma de 7º ano. Para além dos dois

colegas do núcleo de estágio, partilhei o grupo 620 com mais dezasseis colegas docentes, todos eles com grande experiência dentro do agrupamento. Mais especificamente, o GEF da EBES ao qual pertenci enquanto estagiário constituía-se por sete professores, com membros do grupo 620 e do grupo 260. Também existe um coordenador de segundo ciclo e um coordenador de terceiro ciclo, estes dois coordenadores foram preponderantes no sucesso do nosso núcleo de estágio uma vez que nos auxiliaram na divulgação das equipas DE, e na transmissão de informação sobre os questionários e apresentação do projeto da área 2 do estágio, contactando assim com todos os docentes visados. Este tipo de contacto com os vários docentes e as respetivas funções permite conhecer com maior detalhe quais as tarefas de cada um e a forma com agir perante as responsabilidades, considera-se que observar estes professores têm vantagens, na medida em que se transmitem bases para um desempenho futuro eficiente de funções.

Relativamente às tarefas que deveria desempenhar, considerei que uma rápida leitura do Regulamento Interno da AERDL me daria luzes e esclarecimentos para a minha função. Quando não existe conhecimento, um professor terá dificuldade em aplicar as suas ideias, pois não domina a estrutura onde está inserido, logo torna-se importante conhecer as competências inerentes à função. Portanto, para me inserir melhor no grupo fui ler acerca de algumas questões administrativas; com a experiência descobri que o que está escrito nos documentos tende a ser negligenciado. Pelos encontros, percebi que os docentes, não tinham, nem um caminho nem um destino comum, e que cada membro do subdepartamento pensava e agia conforme as suas crenças e convicções. Apesar de defender a democracia e a autonomia de quem aplica o Projeto Educativo é importante entender que este define estratégias de gestão que dão sentido às ações a desenvolver. Como já referenciei, procuro dedicar tempo a trabalhar segundo as diretrizes do Projeto Educativo e caso discorde do mesmo devo referenciá-lo nos momentos e locais indicados para isso, caso isso não aconteça e os docentes da instituição trabalhem num regime anárquico os alunos tendem a sair prejudicados e com critérios de avaliação diferenciados dentro da mesma instituição.

Como referenciei, os docentes deverão procurar um trabalho conjunto, estabelecer boas relações profissionais, conseqüentemente vai contribuir para o desenvolvimento da reflexão, da maximização de relações interpessoais e do desempenho de cada um.

Brás & Monteiro (1998), afirmam que a realização do trabalho em equipa torna-se no método necessário para a construção de objetivos coletivos ao conjunto de elementos que constituem o GEF, menciono que se verificou ao longo do ano letivo, no entanto existiram momentos de alguma divergência. Assinalo que o fator COVID-19,

teve provavelmente um peso extra nesta situação, uma vez que, cada professor interpretou as normas da DGS individualmente, sendo que a discussão e partilha sobre as mesmas, levou a alguma resistência à tomada de decisão comum ao grupo. Simultaneamente, ao longo do ano letivo, verificaram-se momentos em que o consenso se estabeleceu com grande maioria e os benefícios do trabalho em grupo foram notórios. Por exemplo, este momento sucedeu, durante apresentação do projeto de investigação pedagógica. A dinamização realizada demonstrou que os professores conseguem trabalhar em equipa, discutir ideias de forma ponderada, aprender uns com os outros chegando a conclusões comuns, com a consequência de que os alunos saíram também beneficiados. Em concordância com aquela que foi a fase de recolha de dados através da plataforma *google forms*, que foi realizada de maneira individual e no qual as respostas dadas pelos professores foram comuns entre si. Portanto se existem problemas comuns a todos, e isso foi visível nos questionários, os professores devem utilizar as reuniões para tentar resolvê-los e expor ideias. Comprometo-me no futuro a respeitar as ideias dos outros docentes e nas reuniões ter um debate de ideias democrático que vise a obtenção de soluções para problemas comuns, tais como momentos de inovação ou reformulação de métodos e ideias.

Costa et al. (2013) evidenciaram a importância do trabalho coletivo para o grupo de professores, são elas: combate ao isolamento; valorização do compromisso de grupo; aumento da eficácia do ensino. Consequentemente, como já referi, este trabalho vai ter influência no desempenho dos alunos em: alcance de melhores resultados escolares; equilibrar as diferenças dos fatores sociais económicos, culturais ou linguísticos no sucesso alcançado; melhoria das relações professor-aluno.

Do mesmo modo que existem documentos orientadores produzidos para promover o sucesso da disciplina - como por exemplo as Aprendizagens Essenciais ou o Protocolo Avaliação Inicial (PAI) – onde os objetivos devem ser comuns a todos os elementos que trabalham sob o seu domínio.

Acredito que para haver crescimento das dinâmicas terá de existir compromisso e envolvimento por parte de todos os elementos, assim torna-se possível que o GEF esteja inserido numa comunidade de aprendizagem (CAP) de sucesso. Os docentes inseridos numa CAP de sucesso, beneficiam: da redução do isolamento; responsabilidade partilhada pelo desempenho dos alunos; reforço do compromisso com os objetivos da escola; redução do isolamento e respeito à identidade profissional. Tudo isto implicará dedicação individual de cada docente sendo que o florescimento será: a nível individual dos professores; desempenho dos alunos; coletivo no GEF e na disciplina em si.

### 2.3 Apollo 11 – O núcleo de estágio

Tal como em Apollo 11, o objetivo deste núcleo de estágio foi, em primeiro lugar, a missão. Não importa se foste o Aldrin, o Armstrong ou o Collins, nem é significativo quem pilotava a nave, que a aterra ou pisa a lua. Em núcleo, em conjunto com todos os elementos, estabeleceram-se objetivos bem explícitos, processos equilibrados entre a equipa composta pelos três estagiários para que no final de contas se obtivesse o maior sucesso possível. Se, por ventura, tive a chance de evoluir enquanto professor de EF, resultou, na sua grande medida, devido ao vínculo íntegro deste grupo restrito de pessoas, nomeadamente os meus colegas, mas também da professora orientadora de escola e o professor orientador de faculdade, a nossa “NASA”, no controlo, supervisão e orientação da missão.

Assim, considero que os professores orientadores assumiram com responsabilidade esta missão, durante este ano baseei-me naquilo que foram as suas orientações, conversas, conselhos e partilhas, em suma todos estes momentos que me fizeram estar mais próximo do sucesso. Não afirmo que tudo foi perfeito, existiram momentos menos bons, nunca conflituosos, mas sim de enorme pressão para que a missão dos estagiários fosse cumprida. No entanto, o facto de existir pelo menos sempre um orientador a observar todas as aulas que lecionámos, analisar toda a documentação realizada, refletir e, mais importante, estimular através da autorreflexão, contribuiu para o desenvolvimento da identidade de forma positiva. Além disso, contribuiu para uma evolução comportamental gradativa, e sem sombra de dúvidas para ser um professor concentrado nas tarefas e reflexivo – como por exemplo na realização de balanços autoscópias e autoanálise de estratégias e métodos utilizados. No final do ano considero que este tenha sido um método enriquecedor, sendo que a exigência e os momentos inquietantes foram um preço justo a pagar pela nossa evolução enquanto profissionais nas quatro áreas de estágio, pois o orientador deve estar presente para ajudar a identificar maneiras de resolver tudo o que sejam novos desafios, encorajar a falar com os restantes colegas, desenvolver afinidade no GEF e construir uma identidade profissional (Allen et al., 2016).

Relativamente aos meus colegas de estágio, como disse anteriormente, fomos um grupo em missão com grande sentido cooperativo. Conhecia um dos colegas, o outro não; poderia existir algum tipo de atrito devido ao desconhecimento pessoal e competição pela classificação, mas rapidamente nos passamos a conhecer e, conseqüentemente, desenvolveu-se uma relação muito forte e de muito respeito, nunca neste estágio prejudiquei os meus colegas ou fui prejudicado por eles. Com os meus colegas tive sim, a oportunidade de aprender ao ouvir as suas críticas honestas, nas

reuniões de sexta feira bem como de conversar diariamente com eles nos restantes dias da semana, sendo que esses momentos serviram também para desabafos e conselhos em que, tal como eles, sempre “estendi a mão” para os ajudar. E foi assim nesta lógica, com um relacionamento altamente saudável entre nós, que beneficiámos com esta atitude.

Em suma, concluo que este tipo de núcleo com vários estagiários a trabalhar para resolver os mesmos problemas e alcançar objetivos muito semelhantes, promoveu uma aprendizagem mais eficaz, beneficiando altamente as relações humanas, o companheirismo, a interajuda, a compreensão e a sinergia entre colegas. Não fomos os únicos a beneficiar com esta relação uma vez que a nossa evolução se espelhou no rendimento dos nossos alunos. No futuro, enquanto docente é importante valorizar a relação entre professores, valorizar o poder do GEF e CAP, pois a discussão e reflexão conjunta pode com certeza resolver problemas diários de forma mais eficaz, a partilha de conhecimento não só beneficiará o docente como beneficiará os membros do GEF, a escola e os seus alunos.

#### **2.4 Momentos incertos – Das reuniões ao início de aulas**

Ao entrar no mês de setembro de 2020 a principal preocupação que pairava no ar era, sem dúvida alguma, a guerra contra a COVID-19. As ordens governamentais eram dúbias, algo controversas, e para ajudar cada professor tinha uma interpretação distinta das orientações, sendo que no fim as ordens da DGS ditavam a palavra final. Seria mesmo assim tão linear? A resposta é não.

Através das primeiras reuniões percebemos claramente que as escolas iam atuar de modo muito diferenciado em relação à pandemia, mais especificamente, com as reuniões do grupo, percebemos que havia professores com opiniões altamente contraditórias em relação às ténues ordens da DGS. Considero que para os estagiários este tenha sido um período extremamente confuso em termos de orientações, no entanto, não culpabilizo ninguém, pois os orientadores jamais tiveram algum tipo de responsabilidade nesta situação inédita. Como “soldados”, não virámos a cara ao ensino e cumprindo todos os cuidados possíveis, começámos a planear para conduzir.

Através das reuniões do GEF e subdepartamento foi complicado alcançar uma solução conjunta, os professores foram persistentes e demonstraram preocupação em resolver a questão, mas a conclusão foi que os mesmo poderiam adotar métodos diferenciados na condução das suas aulas. Todo este ambiente de dúvida presente no país, transportou-se um pouco para o interior do GEF, causando assim pequenas

divergências quanto ao planejamento e condução. Portanto, momento em que foi necessário construir a avaliação inicial o estagiário ficou reticente em seguir as referências do PAI, uma vez que era de conhecimento de todos que tudo poderia ser alterado num espaço de dias. De modo a agirmos da melhor maneira possível tendo em conta o PAI elaborado no ano anterior, a pandemia e as ordens da DGS, a nossa orientadora de escola assumiu as responsabilidades na construção e ação do nosso plano deixando-nos de consciência tranquila e confiantes para realizar o nosso trabalho, o que foi um momento importante de observação que se refletiu na nossa aprendizagem.

Com este pequeno capítulo quero concluir apenas que os professores do GEF se mostraram um pouco confusos quanto á interpretação de ordens superiores, o que dificultou a uniformização do ensino. No futuro, enquanto docente trabalharei para que as reuniões sejam harmonizadas, moderadas com intervenções pertinentes. Existe mais justiça quando os conteúdos e métodos serão uniformes para todos os alunos da instituição, o que se tornou algo difícil num sistema de regras em constante mudança e com ordens dúbias de difícil interpretação. Concluo que estes momentos, especialmente os que antecedem o início de aulas, geraram influencia no modo como todo o planejamento foi pensado, mais adiante abordarei as questões de planejamento com mais detalhe.

### **3 Renegado... voltar à escola, desta vez do outro lado**

No primeiro dia de aulas como professor, senti uma atmosfera muito diferenciada de quando era aluno. Todos os olhares que os alunos lançam, o respeito, mas ao mesmo tempo, o ar pensativo dos alunos, por vezes desafiador, ou mesmo de descrença. Todo este leque de expressões faciais, comportamentos ou mesmo conversas causaram inicialmente um ceticismo inédito na maneira como estava a atuar. Sinceramente, teve os dois lados da moeda, devido à minha cara de bambino, com estatura de um pequeno pirralho sem barba ou bigode, muitas vezes (quase todas as semanas na verdade) fui confundido com um aluno que divagava tranquilamente nos corredores da EBES. Todas estas circunstâncias tiveram influência na minha postura perante os alunos. Era fundamental estar sempre tranquilo, mas em contrapartida, numa fase inicial, levou-me a ser excessivamente rígido e talvez um pouco frio com a minha turma. Devo repensar esta questão e focar-me em valorizar as minhas capacidades de lecionação e não na minha aparência, não devo ser demasiado rígido com os alunos por parecer fisicamente como eles, não é a melhor maneira de me fazer diferenciar. Devo sim, em contrapartida, focar-me no estabelecimento de regras básicas, fomentar a disciplina e o bom clima de aula, apresentar a minhas competências, colocar os medos e receios de lado mostrar a melhor versão de professor que sou, o que aconteceu mais tarde e resultou na perfeição.

Anteriormente, antes de chegar ao estágio tive funções como treinador de futsal durante últimos seis anos, e dois anos de Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC). Apesar disso, considerei que este foi o ano zero a desempenhar funções como professor de EF no verdadeiro sentido da palavra. Nestas anteriores vivências, no meu trabalho fui sempre a figura principal da equipa/turma, logo não estava propriamente acostumado a receber supervisão constante sobre todas as tarefas que realizava. Apesar de pretender atuar conforme as minhas crenças e convicções fui altamente influenciado e atuava de acordo algumas orientações externas. De acordo com Onofre (2003) a formação das crenças dos professores é eminentemente precoce e individual, justificando-se assim o seu forte sentido afetivo e a sua resistência à mudança, mesmo quando a razão e a experiência geram indicações contraditórias com as assunções que as compõem. No entanto, o facto de ainda ser jovem e ter pouca experiência de lecionação fez com que fosse flexível e aceitasse sem grande resistência essas mesmas orientações. Tendo conhecimento do conceito de socialização antecipatória, e o peso que tem na formação dos futuros professores, optei por ter uma postura de priorizar os conselhos da orientadora à minha iniciativa pessoal, prevalecendo uma aprendizagem por observação, não só na EF, mas transversal a todas as áreas e papéis que

desempenhei. Como por exemplo: o treino DE; Conselho de turma (CT); e direção de turma.

Numa fase inicial, fiquei um pouco preso à estratégia que formulei: observar a orientadora, tirar ideias e reproduzir os pontos que achava positivos. Tinha esta estratégia pois pretendia ter uma aprendizagem vicariante e observar as rotinas da escola, professores e alunos. Borich (2017), descreveu que os professores devem sentir preocupações: centradas em si; centradas nas tarefas; centradas nos alunos. No entanto, quando iniciei a condução das aulas apenas me centrei em mim e na minha prestação, negligenciando os alunos e as tarefas. Mais tarde com o passar do tempo, um conselho da professora foi o de refletirmos regularmente: “o que é melhor para o teu aluno, pensa sempre em primeiro nos teus alunos”. Esta frase, fez-me inferir e procurar centrar as minhas preocupações simultaneamente na tarefa e no aluno, pois estava com tendência esquecer as duas vertentes. Acabei por ter sucesso, no entanto, ainda não atingi o nível pretendido. É importante ter esta ideia presente, dirigir o pensamento para os alunos e ponderar a sua margem progressão.

A diferença é simples, quando somos estudantes a preocupação centra-se em nós mesmos e nos nossos resultados académicos, mas, quando mudamos de lado e nos tornamos professores acrescentam-se outras variáveis. Portanto, o professor deve focar-se em si mesmo e no seu trabalho, nos seus alunos e nas tarefas de aula (Borich, 2017). A minha opinião e experiência deste ano vai de encontro a esta frase do autor, se pretendemos de facto alcançar o sucesso devemos focarmos no todo. O sucesso do professor mede-se bastante pela evolução dos seus alunos.

### **3.1. A Direção de turma – parte I**

Através área de acompanhamento da direção de turma, o estágio pedagógico teve como objetivo desenvolver competências que dizem respeito à compreensão da relação da escola com o meio envolvente. Visa também promover iniciativas de abertura da escola à participação da comunidade na mesma. Ademais, permite o desenvolvimento de competências de caracterização e acompanhamento pedagógico do grupo-turma (Faculdade de Motricidade Humana, 2020). Para além da consulta do Guia de Estágio considera-se importante a consulta do Regulamento Interno da escola em questão e as respetivas competências inerentes ao DT. A partir das leituras destes documentos o docente consegue seguir algumas orientações específicas à função, de modo a uniformizar e orientar o trabalho que o cargo implica.

De acordo com Favinha (2010) o DT é aquele que desempenha uma função primordial nas organizações escolares e deve assumir-se (reconhecer e ser reconhecido) como um mediador (comunicação entre escola e docentes). O DT identifica-se assim como um gestor pedagógico, acumulando três funções principais: estabelecer relações com os alunos; estabelecer relações com os EE; estabelecer relações com os restantes professores da turma (Boavista & Sousa, 2013).

Inicialmente, coube-me acompanhar a DT do 7º, a professora “C” e estive assim muito atento ao desempenho das suas funções. Com o seu auxílio, foi possível identificar as principais características dos alunos através de atividades e questionários, recolhemos dados sobre aspetos sociais, culturais ou de ordem psicológica. Revelaram-se assim, informações cruciais que contribuíram para um bom trabalho ao longo do ano letivo. Ou seja, o facto de recolhermos informações dos alunos permitiu-nos planear as aulas/atividades e antecipar certos comportamentos que os mesmos poderiam vir a adotar, tais como planear grupos de trabalho, planear posicionamento em aula, tarefas específicas de acordo com necessidades da turma (descrito na tabela 1 – pág. 54). Logo, a minha conclusão vai ao encontro de Favinha (2010) que refere que se o DT atuar com o conhecimento efetivo da realidade que é o aluno, a turma e a escola, fazendo uma mediação organizada, planificada, fica habilitado a resolver situações que afetam a escola.

Apesar de ter algum conhecimento teórico, a maneira de lidar com os assuntos internos de uma turma era desconhecida. Por exemplo: conversas com EE; resolução de problemas dos alunos; reuniões de CT e outros assuntos *sui generis* que vão surgindo. Cada escola tem o seu contexto, sendo que todas são diferentes na sua identidade e cultura. Deste modo, este âmbito remete à capacidade de adaptabilidade do professor estagiário se encaixar, observar e atuar perante os obstáculos que vão surgindo. A estratégia que utilizei nesta área incluiu tomar decisões juntamente com os diretores turma, ter pensamento crítico e aprender constantemente com a resolução de novos problemas. Isto remete para a ideia de que aprender é um processo ativo, onde os indivíduos são vistos como agentes na sua própria construção de conhecimento e compreensão através da tomada de decisões, pensamento crítico e resolução de problemas (Patton et al., 2013). Ou seja, apesar de ter o conhecimento teórico, no futuro, existirão sempre novos desafios e soluções inéditas, logo é necessário adotar uma postura onde abraçamos a aprendizagem e adquirimos novos conhecimentos.

Em relação ao contacto direto com os alunos, tal como referi anteriormente, existiu da minha parte receio em tomar este papel, tanto em aula de formação cívica (FC) a comunicar para todo o grupo, como também individualmente. No entanto, o que me chamou mais atenção foi algo mais amplo e menos convencional, não só as “tarefas”

habituais, mas sim as causas sociais existentes, onde ensinei e acabei por aprender também eu enquanto ensinava. Ou seja, já o era, mas tornei-me num estudante de problemas ambientais, direitos humanos, movimentos sociais e outros que foram surgindo como pertinentes, tudo isto a pensar na turma e no sucesso dos alunos enquanto cidadãos. Foi uma área de estágio que genuinamente adorei fazer, pois senti que poderia fazer a diferença na aquisição de valores por parte dos alunos, contribuindo para uma sociedade mais culta e conhecedora dos seus direitos e deveres. Como professor pretendo, no meu futuro, ser diretor de turma, professor de formação cívica, e continuar com a mesma abordagem, adaptando os temas conforme as necessidades presentes na turma e no meio envolvente. Portanto, o receio que desenvolvi no início do ano foi infundado, uma vez que rapidamente me apaixonei por esta área e esse mesmo gosto fez que com que obtivesse interesse e conseqüentemente veio o sucesso imediato, a aprendizagem dos alunos.

Importante referir, que a meio do período fui forçado a realizar uma adaptação no meu horário, e passei a lecionar em conjunto com a professora Manuela Jardim as aulas de formação cívica do 7º.

Apesar da mudança de professores o trabalho em FC permaneceu assente com as mesmas ideias. Tal como afirmou Marques (2002), continuar a fomentar boas relações e a mostrar firmeza quando necessário; decidir com antecedência e agir com ponderação; gostar de ajudar os alunos e estimular-lhes metas ambiciosas mas simultaneamente realistas; ter elevadas expectativas mas não exigir aquilo que está para além das potencialidades de cada um; estar aberto à diversidade cultural e mostrar um conhecimento profundo dos padrões culturais com expressão na comunidade educativa; ser um bom comunicador; e eficaz na direção de reuniões. Quanto ao ser eficaz nas reuniões do CT, não o fui. Inicialmente adotei uma postura discreta e tive poucas participações ativas. No futuro é importante intervir de forma eficiente e oportuna a fim de contribuir para o sucesso da turma. Para além desta dificuldade, revelei como seria de esperar falta de experiência, muitas dúvidas e desconhecimento de algumas competências ou mesmo da legislação. Para ultrapassar estas barreiras procurei, de forma regular, a comunicação entre mim e ambas as professoras com quem coadjuvava, no entanto como referi acima, é importante adaptar-me aos contextos e procurar a legislação efetiva. Uma leitura dos documentos antes de começar a lecionar iria com certeza contribuir para ter níveis de maior sucesso dentro EBES.

Em suma, existiram duas faces da mesma moeda na área da direção de turma. Com os com alunos, em formação cívica e com os pais, obtive sucesso pois fui ativo, questioneei e tomei iniciativa de trabalho. No entanto, com os outros docentes, nas reuniões iniciais, senti-me um pouco intimidado e fui introvertido, pois devido a isso

concluo que a minha participação poderia ter sido melhor ao nível da comunicação, devo, portanto, ser audaz e participar ativamente nas reuniões expondo as minhas ideias e tomar iniciativa.

### **3.2. Conhecer os alunos – Refinar o ensino**

Como docente é importante entender que os professores têm um compromisso ético e social de procurar desenvolver competências e estratégias que venham melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

Os estudantes apresentam diferentes níveis de motivação, diferentes atitudes perante as aulas e a aprendizagem, e diferentes respostas a determinados ambientes de ensino e instruções práticas. Quanto melhor os professores entenderem essas diferenças, maior a probabilidade de ir ao encontro às diversas necessidades dos seus alunos (Felder & Brent, 2005). Assim sendo, é relevante que o professor procure que as suas aulas possam ir ao encontro das motivações, necessidades e interesses dos alunos, ao mesmo tempo que aprofundam saberes e elevam a sua aprendizagem. Logo, é vital que o professor procure conhecer o maior número de variáveis referentes aos seus alunos: os seus dados biográficos; o seu agregado familiar e respetivo (EE); o laço que o aluno tem com a escola; de que forma ocupa os seus tempos livres; questões relacionadas com saúde; percurso desportivo e frequência de atividade física.

Para ir ao encontro a estas premissas, elaborei um questionário – também obtive algumas informações através de momentos informais com os alunos. Posteriormente recolhi os dados, aos quais serviram para realizar uma caracterização mais aprofundada da turma. Este documento estava organizado da seguinte forma: uma pequena metodologia com o instrumento utilizado e apresentação da população do estudo; seguindo-se a apresentação dos resultados do questionário, o qual aborda a identificação do aluno, do EE, a composição do agregado familiar; os estilos de vida do aluno; estudo fora da escola; o historial escolar e questões de saúde individual e de familiares.

Apesar da organização e cuidado do documento, e da sua imensa utilidade, concluo que o mesmo ficou incompleto. A falta de dados sociométricas não me permitiu, por exemplo, descobrir quais os grupos de alunos mais chegados entre si, quais os alunos mais populares e os menos populares. Todas estas informações iriam com certeza ajudar a formar de grupos de trabalho, elaborar a planta da sala, evitar comportamentos menos adequados e/ou outras situações.

A aplicação do teste sociométrico com o objetivo de analisar a turma é uma vantagem significativa para avaliação das medidas adotadas pelo professor em sala. O teste permite a estruturação da textura social da turma em estudo, revelando as situações de conflito, alunos com problemas de relacionamento e o modo como os alunos veem os seus colegas. Não obstante, os resultados do teste sociométrico possibilitam a avaliação e análise do processo inclusivo do ponto de vista social, não se aplicando a aspetos como aquisição de conhecimentos pelo aluno e sua participação nas atividades propostas (Alves & Duarte, 2010). Desejo referenciar de que no primeiro ano de formação não existiu transmissão de conhecimento suficiente para a realização deste género de documento, o que levou a ter um impacto no modo como foi realizado perante a minha turma da EBES.

A constituição da turma contava oficialmente com 25 alunos, mas devido à situação da X que é caso de abandono escolar, esta apenas era constituída por 24 alunos ativos. Era composta por 14 elementos do sexo feminino e 10 elementos do sexo masculino. A média de idades desta turma era de 12 anos e podemos constatar que os alunos são de faixas etárias semelhantes sem grandes divergências à exceção da L e do JP. A grande maioria dos alunos provém da região de Lisboa á exceção de 3 alunos. A aluna L veio este ano de 2020 para Portugal, logo, é a primeira vez que contacta com uma escola portuguesa. Todas estas informações foram tidas em conta no planeamento das aulas, para por exemplo ter: uma constituição de grupos equilibrada; posicionamento dos alunos em aula; separação de alunos conflituosos no espaço de aula. Ainda assim o nosso caminho enquanto professores durante todo o ano letivo exige que acompanhemos a turma, na qual seremos responsabilizados por todo o crescimento e trabalho da mesma.

Aliado ao estudo de turma, no início do ano, realizámos um questionário referente à disciplina de EF. Este permitiu recolher alguns dados mais específicos acerca da disciplina em si. De forma a podermos colmatar as necessidades individuais dos alunos e também da turma, é fundamental um conhecimento profundo dos mesmos, um por um, possibilitando a diferenciação do ensino consoante os seus objetivos, capacidades e dificuldades. Desta maneira, realizei uma caracterização individual de cada aluno, disciplinas preferidas e menos preferidas, matérias favoritas, e matérias com mais dificuldades. Além do mais registei: o historial desportivo; as matérias em que se sente mais e menos à vontade; se aprecia a disciplina de EF; se pratica DE; se pratica desporto fora da escola; questões de saúde; questões pessoais e também uma pequena observação do que me pareceu o aluno na primeira etapa.

Resumidamente este trabalho é fundamental para criar bases, uma preparação dos processos seguintes: planeamento; condução; avaliação. Ao conhecer as

características da turma estamos a maximizar todos os processos de ensino e esta ferramenta que utilizei é com certeza basilar para iniciar um ano letivo preparado com bastante reflexão e propósito.

### **3.3. Avaliar para planejar, planejar para conduzir, conduzir para ensinar e voltar a avaliar**

Tal como está identificado no *Guia de Estágio* a avaliação, o planeamento e a condução, estão altamente associados entre si. Não digo que seja um processo linear, em *loop*, mas funciona muito próximo disso.

Quando iniciamos o ano letivo com os alunos, sabemos que estes encontram-se num ambiente escolar idêntico, as disciplinas e os professores são os mesmos para todos, no entanto, é importante perceber que dentro da turma todos os alunos são diferentes, cada um deles com características únicas. Cabe ao professor diagnosticar essas diferenças. Para um bom planeamento, respetiva condução do ensino e avaliação, é necessário um diagnóstico dos alunos. Diagnosticar é um processo que implica reconhecimento, análise e avaliação. Prognosticar é antecipação de um acontecimento, estimar um provável desenvolvimento no futuro.

O diagnóstico está intimamente ligado à avaliação, e a avaliação está conectada a todo o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com Araújo & Diniz (2015) a qualidade das aprendizagens do presente deve ser observada nas respostas aos desafios do amanhã. E a qualidade da avaliação deve ser observada nos efeitos que produz nas aprendizagens futuras. Deve, portanto, ir além da simples atribuição de classificações ou descrições generalizadas sobre o desempenho dos alunos. Tem de disponibilizar informação contínua a alunos e professores acerca dos novos passos na aprendizagem, de como evoluir, fazendo mais e melhor. Não deve estar restrita a momentos específicos ou isolados, mas sim fazer parte do dia-a-dia de quem ensina e de quem aprende. Tem de se tornar uma verdadeira ferramenta para a aprendizagem e envolver os alunos no processo, tornando-os conscientes e autónomos.

Um dos primeiros processos que realizei quando cheguei à escola foi o de planejar a etapa da AI. Relembrando as duas premissas presentes nos Programas Nacionais de Educação Física (PNEF), inclusão e diferenciação, esta etapa tem como objetivo responder à necessidade de um ensino que potencialize todos os alunos e que haja equidade nas oportunidades. A obrigação de diferenciar as situações de aprendizagem, tendo em conta os grupos de nível, tem como objetivo respeitar os

processos de inclusão de todos os alunos, respeitando deste modo os ritmos de aprendizagem individuais. Formar grupos de nível e fazer a diferenciação das tarefas de aprendizagem, tem como objetivo um ensino de qualidade onde todos os alunos, se trabalharem, têm a possibilidade de atingir o sucesso. Tudo isto só se torna possível se, durante o período de avaliação inicial, existir observação e recolha de informações necessárias, tais como: matérias prioritárias; capacidades individuais dos alunos e aspetos críticos dos mesmos. Estas informações são elementares para formar uma ideia geral de como se podem constituir os de grupos de nível, definir as bases de diferenciação do ensino, formar os objetivos prioritários e os objetivos secundários (Rosado, 2003). Como tal, o processo de avaliação inicial deve ser realizado com base num protocolo padronizado e aferido por todo o GEF, que reúna informações baseadas em critérios uniformes que sirvam para a classificação dos alunos nos níveis: (Introdutório; Elementar; Avançado). No entanto, este processo de AI, só é verdadeiramente formativo quando é compreendido pelo aluno nas suas diferentes dimensões e lhe permite regular a sua aprendizagem.

Visto que a turma era do 7º ano (início de ciclo), o processo de avaliação inicial torna-se especialmente importante, uma vez que os alunos são oriundos de turmas diferentes, ou mesmo escolas diferentes. Para além disso, foi o primeiro ano que contactei com os alunos, desconhecendo por completo as suas capacidades, os seus nomes ou as suas caras, ou seja, os cuidados foram mais direcionados para observar, registar e refletir do que mais propriamente aplicar correções.

Como referi várias vezes, o COVID-19 “mandava” muito nos processos escolares, nas primeiras reuniões pude deparar-me à com um GEF com opiniões bastante divergentes acerca do PAI, o que me levou a ter algumas dificuldades na interpretação e planeamento da primeira etapa. Ou seja, apesar de estar preocupado em seguir as indicações do PAI e uniformizar ensino no AERDL não o poderia fazer, pois o GEF não chegou a um consenso de grupo e as normas da DGS impediam algumas situações, como por exemplo tarefas em grupos como jogo/jogo reduzido nos jogos desportivos coletivos (JDC). Em núcleo chegamos à conclusão que antes de planear o melhor seria priorizar as normas da DGS e só depois interpretar o PAI. Decidimos que temporariamente não iríamos realizar algumas modalidades estipuladas como a patinagem devido à partilha de material entre turmas, não iríamos realizar ténis de mesa devido às reduzidas dimensões do espaço, dança por ser a pares e ginástica acrobática devido também ao material, em relação aos JDC decidimos apenas ter situações analíticas e não realizar tarefas de jogo até novas normas de saúde. Ou seja, tudo isto teve de ter sido em conta no planeamento do PAI, confesso que não foi fácil planear deste modo com tantos fatores a ter em conta, levou algum tempo para refletir,

criar novas situações de aprendizagem idênticas aos JDC e tentar aproximar o ensino daquilo que tinha sido a “normalidade” dos anos anteriores. No entanto, o planeamento foi realizado e cumprido, apesar de todos os entraves faço um balanço positivo à estratégia utilizada pelo grupo, existiu muita cooperação e sentido de entreatajuda, as soluções encontradas passaram por horas de comunicação e reflexão entre os estagiários e orientadora.

Na condução das primeiras aulas, confesso, estava algo nervoso, o pensamento estava centrado apenas no meu desempenho e nas pessoas que me estavam a observar. Com o passar do tempo percebi que devia estar centrado não só em mim, mas nas tarefas e nos alunos. Depois de muita autorreflexão o meu foco tornou-se a minha turma, naquilo que diagnostiquei nesta fase e prognostiquei para o final do ano letivo. No final do ano a minha capacidade de observação melhorou significativamente, confesso que no início não conseguia observar a turma toda, o meu posicionamento era negativo e muitas vezes fazia observação superficial e pouco minuciosa. Hoje em dia, com o treino, consigo captar mais informações e tirar melhor partido do tempo de aula. Quanto ao cumprir o PAI confesso que foi deveras complicado, pois para além do desempenho normal de docente, existiu o acrescento de a todas as limitações da DGS, no entanto, através de conversas com os nossos colegas de curso e outros profissionais sei que foi sentida esta dificuldade um pouco por todas as escolas. Logo, libertei-me das preocupações que estava a sentir foquei-me imediatamente em melhorar alguns aspetos do meu desempenho, o que mais necessitava de melhorar seria o meu posicionamento, ter uma observação mais eficaz e registar as capacidades dos alunos. Para evoluir estes aspetos comecei por planear os locais estratégicos onde estar durante a aula e imediatamente as restantes dificuldades que senti desapareceram por acréscimo, ao que parece o posicionamento permitiu que observasse todos os alunos que pretendia e conseqüentemente possibilitou-me tirar as devidas informações acerca dos meus alunos, ou seja, só o facto de estar bem posicionado em aula permitiu-me resolver várias dificuldades que estavam a prejudicar o meu desempenho.

As informações recolhidas na etapa da AI, serviram de alicerces para a construção do PAT. É através destas que vamos prognosticar o nível dos alunos e formar os grupos de nível. Os dados que possuímos nesta fase permitem também estabelecer as prioridades ensino e estabelecer objetivos, orientando as decisões de intervenção para os alunos (Carvalho, 1994). O PAT é um instrumento que permite orientar o professor durante todo o ano letivo e que visa adequar os objetivos da turma com as orientações dos currículos nacionais (Ministério Educação, 2001).

O PAT é uma ferramenta obrigatória para a diferenciação do ensino eficaz e um instrumento de trabalho indispensável numa prática pedagógica de qualidade,

permitindo determinar as linhas metodológicas cruciais a seguir ao longo de todo o ano. No entanto, durante este ano letivo não foi possível seguir à risca o planeamento, uma vez que em janeiro interrompemos o ensino presencial e retomámos o confinamento. Nem tudo o que foi planeado se perdeu, a calendarização sofreu grandes alterações, tal como os objetivos gerais e específicos, mas as matérias prioritárias continuaram a ser as mesmas, bem como os grupos de nível. Existiu, portanto, uma pequena adaptação aos objetivos, tendo os mesmos sido reformulados de modo a se tornarem tangíveis no tempo que tínhamos. Mais especificamente, o PAT - na sua construção - abrangeu as áreas de extensão dos PNEF (Atividades Físicas, Aptidão Física e Conhecimentos). Continuei, apesar das adaptações, a garantir tempo de desenvolvimento em cada uma destas áreas.

No ensino presencial, incidi sobre a Aptidão física e Atividades físicas, ajustando sempre o seu grau de dificuldade ao momento e de acordo com os dados recolhidos na AI, priorizando ainda assim as matérias definidas, bem como identificando os alunos com mais dificuldades em cada área e matéria. Não estando previsto desde o início, ajustei o PAT, a fim de fazer com que a etapa do ensino online incidisse maioritariamente sobre a área dos conhecimentos.

Na elaboração do PAT, tive algumas dificuldades em tomar decisões apesar de saber que estas não devem ser definitivas, pelo que o professor pode e deve ajustá-las ao longo do ano - o que aconteceu. Para tomar decisões a longo prazo e ultrapassar esta dificuldade a estratégia passou por realizar uma calendarização em word com todos os períodos letivo de modo a ter uma visão abrangente dos espaços de aula dias de aula, o que me permitiu ter uma visão geral e facilitar todo o trabalho. Apresentei também alguma dificuldade em prognosticar qual o nível que os alunos poderiam atingir, visto não ter sabedoria suficiente para fazer essa previsão a longo prazo. Deste modo, a estratégia passa por realizar uma etapa de avaliação inicial completa, com todas as matérias e exercícios critério bem definidos, sendo que com conhecimento e experiência da minha parte, tornar-se-á mais fácil prognosticar no futuro.

Na elaboração do plano, o professor deve considerar os recursos que tem à sua disposição, sendo eles: temporais; espaciais; materiais e humanos. A organização dos horários garante a qualidade da EF, a qual não deve ser negligenciada sob pena de interferir de modo negativo no progresso dos alunos, nomeadamente a nível da aptidão física e do seu efeito sobre a saúde (Ministério Educação, 2001). Em relação a este aspeto, a turma que conduzi tinha um horário com aulas de 90 minutos à terça-feira e de 45 minutos à quinta-feira. Pareceu-me bem, uma vez que a turma não tinha duas aulas consecutivas, respeitando assim o princípio de treino da supercompensação. Relativamente a este aspeto, não apresentei qualquer dificuldade.

A organização das atividades em EF depende muito dos espaços de aula que a escola oferece, e por vezes é limitada por isso. O PNEF recomenda que os espaços de aula sejam polivalentes e que permitam a possibilidade de se realizarem atividades de aprendizagem de todas as áreas ou subáreas, de forma a que o docente opte pela organização de matérias e métodos de prática em cada ciclo de trabalho e no conjunto do ano letivo (Ministério da Educação, 2001). Na EBES, existem determinados espaços que oferecem melhores condições para o ensino de certas matérias. A caracterização dos espaços permite assim avaliar as possibilidades existentes para cada um e as limitações dos mesmos, identificando as matérias e os modos de trabalho possíveis (Ministério da Educação, 2001). Relativamente ao trabalho nos espaços senti-me confortável uma vez que existiu a possibilidade de trabalhar todas as matérias ao longo do ano e ajustar possíveis espaços. Se necessário também foi possível adaptar aos dias com condições meteorológicas mais adversas. A elaboração do PAT permitiu encontrar equilíbrio e praticar todas as matérias da forma que desejava.

Em suma, nesta primeira fase antes do confinamento deu para aprender que existe uma relação muito forte entre o planeamento a condução e avaliação, para um ensino com qualidade as três componentes devem estar presentes como um todo no dia a dia do docente. Nesta primeira fase as dificuldades e barreiras referidas acima foram ultrapassadas, mas confesso que por mais que um professor aprimore os seus métodos nunca irá ser perfeito no planeamento, condução e avaliação pois este é um sistema aberto, devemos fazer o melhor que conseguirmos, aprender regulamente e nunca cessar os processos de formação profissional, só assim podemos permitir que este sistema que é o ensino mantenha a sua homeostasia e simultaneamente evolua.

### **3.4. O planeamento por etapas e Unidades de Ensino – Peças de Lego**

Imaginando que o PAT se constituiu como uma construção de *lego*, os planos de etapa e de unidade de ensino são as peças, sendo que com estas podemos sempre encaixar e ajustar à forma que desejamos para que tudo faça sentido. Todas as etapas se caracterizaram pelo seu contributo único para a consecução dos objetivos anuais. Assim, o plano de etapa consiste num planeamento mais específico em relação ao estipulado no PAT, revelando-se deste modo fundamental como base para o planeamento das UE inseridas em cada uma das etapas. Durante este ano letivo, não foi possível cumprir à risca os PE e planos de UE, mais uma vez devido à pandemia. O que aconteceu foi que as etapas foram de certa forma curtas, ou interrompidas,

acabando por constituir como UE, à exceção do último período onde foi possível dividir a 4ª etapa em duas UE – tendo sido a única vez.

Ao utilizar o modelo por etapas existem diversos benefícios relacionados com a possibilidade de conter períodos de aprendizagem mais concentrada ou mais distribuída, dependendo das características das matérias e da complexidade que representam para os alunos. Na figura 1 podemos analisar como estava inicialmente planeado este modelo para a turma em questão. Em primeiro lugar os períodos letivos, seguidos de 5 etapas – construídas de acordo as necessidades da turma – e por fim as unidades de ensino construídas em paralelo com o *roulement* e as matérias a abordar. Para ultrapassar as dificuldades que tinha no planeamento analisei ao detalhe os resultados obtidos na primeira etapa de avaliação inicial e só depois comecei a montar o “lego”. Planeei a segunda etapa com as matérias prioritárias para respeitar o desenvolvimento dos alunos e trabalhar com a turma as dificuldades presentes de um modo geral – dando prioridade aos feedbacks de grupo e eliminando comportamentos/erros comuns da turma - depois da recuperação e aprendizagem optei por desenvolver e consolidar as matérias, ou seja, incidi o planeamento sob o desenvolvimento individual do aluno, olhei mais ao trabalho autónomo e como poderia desenvolver as capacidades de cada um – um trabalho que teria na condução de aula apresentando um feedback mais específico menos dirigido para o grupo e mais dirigido para o aluno. Por fim, o 3º período seria o momento para aperfeiçoar detalhes, ajudar os alunos a reverem todas as matérias lecionadas ao longo do ano e a corrigirem os erros de modo alcançarem um maior sucesso na classificação final. Por fim, terminar com a etapa da prova global a realizar com ajuda de todos os elementos do núcleo de estágio. Em conjunto com os professores estagiários e orientadora realizámos esta

etapa de modo a verificar se o nível de dos alunos em cada matéria correspondia á sua classificação em pauta.

| Período                              | 1º PERÍODO   | 2º PERÍODO  |   |   | 3º PERÍODO   |   |
|--------------------------------------|--|---|---|---|--|---|
| Etapa                                | 2ª ETAPA<br>Recuperação e<br>aprendizagem                | 3ª ETAPA<br>Desenvolvimento e Consolidação                  |   |   | 4ª ETAPA<br>Revisão e<br>Aperfeiçoamento                   | 5ª ETAPA<br>Prova global                        |
| Unidades de ensino (UE)              | 1ª UE  | 2ª UE   | 3ª UE   | 4ª UE   | 5ª UE  | 6ª UE   |
| Nº total de aulas                    | 10/11/2020<br>10/12/2020                                 | 5/01/2020<br>26/1/2020                                      | 02/2/2020<br>23/2/2020                        | 02/3/2020<br>16/03/2020   | 6/4/2020<br>6/5/2020                                       | 11/5/2020<br>10/06/2020                         |
| Ginásio A                            | 4 aulas  | 4 aulas   | 3 aulas                                       | 2 aulas   | 5 aulas  | 5 aulas   |
| Matérias                             | Voleibol<br>Gin. Solo<br>Salto Altura                    | Badminton<br>Ginástica de Solo<br><del>Mini-Trampolim</del> | Voleibol<br>Gin. Solo<br>Salto Altura         | Badminton<br>Condição<br>Física<br><del>Mini-Trampolim/Plinto</del> | Voleibol<br>Gin. Solo<br>Salto Altura                      | Análise de todas as matérias dadas no ginásio A |
| PP1                                  | 4 aulas  | 4 aulas   | 4 aulas                                       | 4 aulas   | 5 aulas  | 4 aulas   |
| Matérias                             | Basquetebol<br>Salto Barreiras<br>Lançamento do peso     | Patinagem<br>Basquetebol                                    | Andebol<br>Danças                             | Patinagem<br><del>Basquetebol</del>                                 | Andebol<br>Futebol<br>Velocidade<br>Salto em comprimento   | Análise de todas as matérias dadas no exterior  |
| PP2                                  | 4 aulas  | 4 aulas   | 3 aulas                                       | -   | 5 aulas  | 5 aulas   |
| Matérias                             | Andebol<br>Futebol<br>Velocidade<br>Salto em comprimento | Futebol<br>Corrida de barreiras<br>Lançamento. do peso      | Futebol<br>Velocidade<br>Salto em comprimento | sem aulas   | Basquetebol<br>Corrida de barreiras<br>Lançamento. do peso | Análise de todas as matérias dadas no exterior  |
| Áreas a trabalhar ao longo das aulas | Aptidão física<br>Conhecimentos                          |   |   |   |  |   |

Figura 1 - PAT

Infelizmente não foi possível verificar se a estratégia de elaboração do PAT seria bem-sucedida uma vez que as aulas foram interrompidas durante a 3ª etapa mais precisamente na 2ª UE. Ainda assim posso retirar alguns resultados positivos deste planeamento. Em primeiro lugar o planeamento estava a ser cumprido a nível macro, com pequenos ajustamentos a nível micro, por exemplo mudanças devido à chuva existente ou alterações nos grupos de trabalho. Também até ao momento de interrupção o modelo utilizado com aulas politemáticas estava a corresponder de forma positiva e permitiu cumprir todas as matérias planeadas para os espaços devidos, ou seja, existiu sempre uma coerência com o PAT seja a nível de espaços ou matérias lecionadas.

Apesar de estar a desenvolver um trabalho consideravelmente positivo apareceu a pandemia e um novo confinamento, com a grande paragem das aulas fomos forçados a mover as peças de lego e ajustar a construção que tínhamos inicialmente planeado. As alterações aconteceram de imediato após o confinamento com a criação de uma etapa de ensino online, esta de duração indefinida. Sabendo de antemão de que o confinamento poderia perdurar até às férias de verão os estagiários criaram em conjunto conteúdo digital preparado para ser lecionado até ao final do ano letivo de 2020/21. Apesar de ser um trabalho extra para além do normal, considero que foi uma boa estratégia construir um planeamento deste modo uma vez que nos deixou preparados para dois possíveis cenários, o de voltar ao ensino presencial e o de não voltar ao ensino presencial.

Após algumas semanas de ensino online, com os números de doentes COVID-19 a baixar gradualmente ao longo do confinamento, o Primeiro Ministro anunciou publicamente as datas de retorno ao ensino presencial. Após tomar conhecimento desta informação voltei a mover as peças da construção e ajustar o planeamento para o regresso da EF presencial no terceiro período letivo. Confesso que existiu uma sensação de alívio poder voltar à escola e estar cara a cara com os alunos, não obstante de que o planeamento do ensino online foi um sucesso, cumprido à risca e com resultados positivos no que toca à avaliação das aprendizagens dos alunos. Confesso que não foi difícil realizar o planeamento desta etapa, a estratégia passou por criar uma rotina semanal (explicitada mais adiante) e mante-la até ao final do confinamento. Foram estrategicamente pensados processos simples, de complexidade reduzida, no entanto extremamente interativos e ricos em conteúdo e informação.

Relativamente ao retorno à EBES tomei a decisão de ajustar o PAT de modo a não aumentar o grau de complexidade das tarefas que tínhamos interrompido em janeiro, uma vez que entendi que deveria respeitar o ritmo de aprendizagem de cada aluno. Desta forma, o planeamento foi pensado para realizar uma rápida recuperação das matérias lecionadas no primeiro período e só depois avançar com o grau de complexidade das mesmas. Apesar de não ser usual ter uma recuperação de matérias tardia, foi o necessário. Aquando estava a conduzir as aulas denotei que o planeamento foi o indicado uma vez que os alunos já tinham perdido algumas das capacidades adquiridas na fase inicial. Planear exercícios repetidos e dar um passo atrás para depois dar dois à frente foi a melhor estratégia adotada, mas a verdadeira dificuldade surgiu quando tive de acelerar um pouco a complexidade das tarefas em aula. Isso refletiu-se um pouco na condução do ensino onde exigiu uma observação mais rápida e feedbacks mais frequentes, os alunos com menos atenção estavam a ficar para trás nas aprendizagens o que me levou a repensar estratégias e ter um pouco de maior foco neles. Por fim, acabou tudo por ser uma questão de adaptação ao ritmo das aprendizagens e a situação acabou por estabilizar. Concluo que não adotaria uma estratégia semelhante num ano letivo normal sem interrupções, no entanto situações excecionais surgem medidas excecionais e por isso o PAT ficou, em retrospectiva, construído deste modo:

- 1ª Etapa - Avaliação Inicial;
- 2ª etapa – Recuperação e aprendizagem;
- 3ª Etapa – Aprendizagem e Desenvolvimento (incompleta);
- Etapa Online;
- 4ª Etapa – Recuperação, desenvolvimento e consolidação;
- 5ª Etapa – Prova Global.

Assim sendo, numa conclusão global do ano e apesar de todas as barreiras enfrentadas, penso que a divisão das etapas aconteceu da maneira mais segura possível, sendo que a primeira preocupação foi defender os alunos e maximizar as suas aprendizagens. Depois da etapa online, sentimos a necessidade de elaborar uma 4ª etapa no sentido de recuperar as habilidades que possivelmente se perderam nas cerca de 10 semanas em casa. Simultaneamente, tentar desenvolver e consolidar algumas capacidades. Sendo assim, a maneira tradicional do modelo de etapas não poderia ser utilizada, uma vez que concluímos em núcleo que comprometia todo o desenvolvimento do aluno.

Relativamente às UE, pudemos constatar que a sua construção advém dos vários planos anteriores, ou seja, partiu da dimensão macro do planeamento PAT, para a dimensão meso PE e posteriormente para a dimensão de UE. O modo de organização deve cingir-se desta maneira, partindo sempre do geral para o específico e não ao contrário. Foi nesta fase que planeei a organização grupal e as tarefas existentes, sabendo de antemão que toda a informação recolhida a partir das minhas avaliações iria influenciar as mesmas. As unidades de trabalho constaram em grupos homogéneos, de um modo geral diferenciados pelo nível, possibilitando simultaneamente utilizar conteúdos específicos para os diversos grupos, de acordo com os conteúdos a desenvolver. Ao longo do ano a constituição dos grupos revelou-se de muito sucesso, sendo que existiu disciplina, dedicação, o clima foi positivo e existiu cooperativismo quando necessário.

Os conteúdos abordados foram ao encontro às informações recolhidas nas Aprendizagens Essenciais, que indicam que as aprendizagens devem ser tão coletivas quanto o possível e particulares quanto o necessário. Nas aulas presenciais das diferentes etapas abordámos, inicialmente, situações muito reduzidas e condicionadas - influência também das normas da DGS - focadas em movimentos técnicos com o maior transfere possível às modalidades, de modo especial nos JDC. Posteriormente, com confiança e alguma liberdade por parte das entidades sanitárias, introduzimos formas reduzidas de jogo. Confesso que, inicialmente, apresentei dificuldades em lidar com todas estas normas e condicionamentos, no entanto, em núcleo, procurámos sempre encontrar soluções para apresentar tarefas que representassem ferramentas fundamentais para atingir o sucesso dos alunos nas várias áreas e subáreas da disciplina. Por norma, os docentes não têm grandes condicionamentos quando realizam os seus planos, e o COVID-19 foi a grande barreira. Apenas com muito tempo de reflexão foi possível encontrar soluções viáveis que englobassem objetivos tangíveis para os alunos, como por exemplo o aplicar de um leque de exercícios analíticos. Admito

que foi complicado e causou inúmeras dúvidas e incertezas quanto ao método de trabalho, mas depois com o passar do tempo, com a condução do ensino e o resultado das avaliações entendemos em núcleo que o planeamento das UE estava bem estruturado e fora sucedido.

De um modo geral este foi um ano instável e muito imprevisível no que toca ao planeamento, no entanto, é fundamental entender que o PAT, PE e UE todos os anos letivos são construídos sob muita reflexão e consideração de muitas variáveis. Todos esses processos de pensamento não devem estancar quando terminamos o PAT no primeiro período pois durante o ano letivo existem muitos fatores a ter em conta, ou seja, o PAT é como um jardim, está feito construído, mas necessita de cuidados, manutenção e ajustes, cabe ao docente ser o seu “jardineiro”.

### **3.5. A condução do ensino**

À primeira vista, o que geralmente alicia um jovem a ser professor é provavelmente a ponta do Iceberg, ou seja, o que se vê - mas não tudo o que se faz -, conduzir uma aula. Neste capítulo, abordarei as questões que mais me entusiasma na profissão, o conduzir a aula, instruir, ensinar.

Quando situado pelas primeiras vezes em frente aos meus alunos - que para além de estudantes são pessoas distintas com personalidades diferenciadas - uma das minhas maiores preocupações foi o facto de querer agradar a todos, o que sei que seria a missão impossível. Logo, com um pouco de ceticismo abracei a ideia de que irá existir sempre alguém que não se identifica ou aceita as tarefas proposta. Por outro lado, também considero que não faz sentido ser um camaleão social e mudar consoante as “luas” dos alunos. Manifesto o desejo de estabelecer relações positivas com os meus alunos, no entanto, centrei a minha preocupação em manter a personalidade e acima de tudo passar um clima de tranquilidade e homeostasia, mantendo o equilíbrio a todo o momento. Manifestei sempre disponibilidade para os meus alunos. Confesso que inicialmente me centrei demasiado em mim, e nas pessoas que me observavam, no entanto, através da reflexão encontrei um caminho diferente e comecei a pensar mais nos alunos, e no seu sucesso.

O ensino envolve a interação dos sujeitos de aprendizagem com um conjunto de estratégias, métodos e situações, visando levar à consecução de objetivos. Sei desde o primeiro ano de mestrado de que não existe uma receita milagrosa. Ambientes diferentes exigem ideias diferentes, logo, sei de antemão que não existe nenhuma

estratégia, método ou atividade, universalmente válida para qualquer objetivo e sob quaisquer condições.

De acordo com (Onofre, 2003) a construção do conhecimento do professor encontra-se assim estreitamente dependente da possibilidade de o ir testando em contexto real. Neste sentido, um aspeto estratégico da formação reside na integração entre o conhecimento académico e o conhecimento profissional, realizada a dois níveis: na conceptualização do conhecimento que se deseja desenvolver; e na aproximação das experiências de formação ao contexto da realidade profissional. Na minha opinião, foi através da condução do ensino (em estágio) onde fui capaz de desenvolver um maior conhecimento do papel de professor, pois senti-me altamente conectado ao contexto real. Onofre & Jardim (2009), após realizarem um estudo com estagiários portugueses de EF, concluíram que as fontes de autoeficácia mais importantes são a persuasão verbal e a experiência de mestria. Assim sendo, tal como senti na condução das aulas, a experiência prática de ensino assume um papel determinante na formação dos futuros professores, uma vez que só quando esta experiência acontece é que se torna possível vivenciar o sucesso em contexto de ensino.

Relativamente à condução, tal como Onofre & Jardim (2009), concluo também que através da experiência vicariante, consegui recolher informações relevantes e aprender com a experiência dos outros, pois a condição de observação de pares esteve sempre presente na EBES como uma prática do programa académico que foi rigorosamente cumprida. Para além da observação dos colegas existiram sempre reuniões onde pudemos refletir sob o nosso trabalho enquanto docentes, e isso aliado à observação dos colegas promove um ambiente de aprendizagem bastante fértil.

Em relação à condução, um dos meus pontos fortes prendeu-se com a gestão do tempo de aula, aproveitando ao limite todos os segundos e reduzindo ao máximo transições demoradas ou correções exaustivas. Apesar de nunca ter comprometido o tempo de aula considero que a instrução inicial em algumas matérias deveria ter apresentado maior qualidade. Logo, para melhorar este aspeto o professor deve apresentar conhecimento de todos os critérios de êxito a expor, de um modo claro, sucinto, com os objetivos das respetivas tarefas e apresentando todas as componentes de realização dos mesmos. Fiquei de proporcionar à turma uma instrução de qualidade científica e técnica. Onde as informações são transmitidas de forma clara, concisa e objetiva, utilizando um tom de voz flexível e audível com vocabulário apropriado e direcionado para os objetivos. Ao longo de todo ano pouco melhorei o meu tom de voz, dei instruções à distância insuficientes tal como referiu a professora Manuela imensas vezes. Tive dificuldades em realizar inflexões de voz no meu tom monocórdico, muito bem que podia transmitir tranquilidade, mas necessito de melhorar este aspeto para

dinamizar melhor as aulas, devo ter atenção no futuro e trabalhar esta irregularidade que tenho. Também no discurso devemos ter o cuidado de adotar vocabulário adequado, com palavras-chave considerando os diferentes objetivos da aula. Transmitilas ao longo da condução do ensino, de forma a acompanhar os alunos e instruir a turma de forma eficaz. É essencial ter a perfeita noção que, a atividade do professor ocorre sobretudo num processo de atividade comunicativa em que professores e alunos transformam os seus comportamentos consoante as interações que têm. (Bento & Marques, 1993, p. 41).

No que ao feedback pedagógico diz respeito, adotei a estratégia de generalizar o mesmo e só depois, com o passar do tempo fui cada vez mais individualizando à medida que conhecia os alunos. Inicialmente por distração não fornecia muitos feedbacks, talvez porque a minha observação fosse superficial e insuficiente para avaliar as aprendizagens. No entanto, é extremamente importante em aula avaliar as aprendizagens para providenciar um feedback de qualidade, pois assim se permite que os alunos apliquem os conhecimentos que vão adquirindo e/ou corrijam determinadas situações. Desta maneira estamos a dar o controle das próprias aprendizagens e competências a desenvolver aos alunos. (Ministério Educação, 2001).

Considerando a dimensão organização, é justo admitir que pouco falhei neste aspeto. Tive o cuidado de estar presente minutos antes de todas as aulas começarem e exigir que os alunos cumprissem os seus horários à risca, o que aconteceu sempre e permitiu ter o material devidamente montado no tempo certo e conseqüentemente aproveitar todos os segundos de aula.

Ao longo da aula a gestão do tempo foi sempre minuciosa de forma a maximizar o tempo de aprendizagem específica, existiram ínfimas perdas de tempo para transições e as instruções foram preparadas de modo a transmitir informação de modo eficaz. Durante o meu primeiro ano de formação no mestrado aprendi a valorizar o tempo útil de aula, numa das cadeiras o professor fez-nos ver que 5 minutos perdidos em cada aula no final do ano iriam totalizar algumas aulas, o que me sensibilizou a realizar o melhor trabalho possível neste aspeto.

Trabalhei maioritariamente com um modelo de aulas politemáticas - à exceção das primeiras aulas de dança, patinagem e condição física - e essa tipologia de ensino criou algumas dificuldades quanto ao meu posicionamento, pois é importante marcar presença nas várias estações da aula. Concluo que desse modo o meu posicionamento em aula nem sempre foi o correto. Numa breve análise podemos depreender de que muitas das vezes encontrei-me de costas para alguns elementos da turma, ora noutros momentos estive de frente para todos, mas muito fixo num só local. Para uma boa condução de aula é extremamente importante que o professor se posicione no espaço

de trabalho de modo a manter sob o seu campo de visão a maior parte dos alunos, bem como ter um deslocamento que lhe permita ter interagir com os mesmos (Onofre, 1995). Logo, é fundamental que o professor marque uma presença forte neste tipo de aula, tal como um controlo à distância exímio, que tal como referi foi um aspeto em que senti dificuldades. Para além do treino a lecionar e da experiência vicariante devo adotar uma estratégia onde o meu olhar seja abrangente e também investir na autonomia dos alunos para que se ajudem e trabalhem de forma colaborativa para atingir o sucesso dentro do grupo.

A disciplina em aula foi um aspeto ao qual sempre tive atenção, pois considero que sem disciplina perdemos o respeito e torna-se impossível de realizar um trabalho com qualidade. Desta forma realizei regularmente um trabalho paralelo à EF, e preocupei-me constantemente em adotar estratégias preventivas e proativas para promover os comportamentos adequados dos alunos, evitando ao máximo a punição e remediação (Siedentop & Tannehill, 2000). Para além disso adotei uma postura onde procurava passar valores humanos tais como: o respeito professor-aluno e aluno-aluno; a cooperação; a pontualidade; a dedicação e outros. Nem sempre fui inflexível e procurei criar um clima de aula positivo, conversava com os alunos, transmitia confiança para comunicarem comigo, agradecia e elogiava ações positivas perante a turma fazendo reforço positivo dos comportamentos exemplares. Como referi anteriormente procuro relacionar-me com os alunos, e esta abordagem valoriza afetos e emoções, motiva os alunos nas aulas e dinamiza o clima

Ensinar implica tomar decisões, e a partir dessa informação o professor sabe que pode adotar diversas estratégias metodológicas. Decisões tomadas de acordo com as características da turma que se irão refletir como desenvolvimento das aprendizagens dos seus alunos. Estas estratégias fazem parte dos estilos de ensino. No que diz respeito a este conceito, posso afirmar que utilizei vários estilos de ensino em momentos diferenciados baseados na teoria do espectro - O espectro fornece aos professores os conhecimentos fundamentais para desenvolver um repertório de comportamentos profissionais que abarquem os objetivos necessários para conectar e educar os alunos. A visão geral da teoria do espectro apresenta a “Anatomia” de todos os eventos de Ensino. O termo Anatomia é definido como: “estudo da estrutura ou funcionamento interno de algo”. Dentro desta estrutura podemos encontrar os estilos de ensino *convergentes* e *divergente* (Mosston & Ashworth, 2008).

Tendo conhecimento de que nenhum estilo de ensino é melhor que outro, e que se deve analisar e escolher os mais apropriados de acordo o contexto onde estamos inseridos posso concluir que os estilos de ensino convergentes foram os mais utilizados nesta turma. Maioritariamente a teoria do espectro de ensino foi aplicado com sucesso.

Ao reler os vários balanços que escrevi durante todo o ano concluo que a minha estratégia de adotar os estilos conforme os momentos (etapas) e conforme as modalidades foi positiva uma vez que representou sucesso nos resultados dos alunos, conseqüentemente resultados 100% positivos nas avaliações sumativas.

De modo mais específico, abordo o estilo de ensino que mais teve sucesso e foi mais utilizado nesta turma, foi o ensino *Prático*. Isto porque, desenvolveu sem sombra de dúvidas a autonomia nos alunos. Tal como escrevi nos balanços, afirmo que, no futuro, quando saírem da escola, os alunos têm de ter as armas para que possam praticar desporto de forma autónoma e independente, logo, a educação também é dar liberdade aos alunos para que estes no futuro se preparem para uma vida ativa. Apesar de ser utilizado desde o primeiro período, este estilo de ensino resultou melhor no terceiro período onde se denota maior confiança com o professor, também colegas e a tarefa em si. O *Recíproco* apresentou um papel importante em várias modalidades, como a ginástica ou o atletismo, aqui os alunos beneficiam da observação externa dos colegas, o que os leva a aperfeiçoar as suas técnicas. É também um estilo de ensino a pensar para o futuro pois os alunos que se encontram nas observações exteriores têm um papel ativo em aula.

Com menos regularidade foram utilizados outros estilos de ensino como: por *comando* principalmente na fase das primeiras aulas de cada modalidade para automatizar processos – o que na minha opinião permitiu com sucesso estabelecer dinâmicas positivas de aprendizagem. Também o fiz nas aulas de dança uma vez que utilizei a técnica de ensino em “espelho”, uma estratégia que resultou, promoveu a rapidez de ensino e constante demonstração o que permitiu a uma aprendizagem rápida; *autoavaliação* foi utilizada em ginástica de solo e patinagem numa fase mais tardia do ano letivo, com intuito de promover a autonomia; O *inclusivo* foi utilizado nos desportos coletivos – principalmente nas aulas com exercícios analíticos - de uma maneira geral com o intuito de respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem, o que ajudou na progressão dos alunos da turma. A estratégia de colocar tarefas iguais para todos, deixa de fazer sentido, pois assim não há diferenciação. Havendo diferenciação de níveis todos têm oportunidade de participar com exercícios ajustados e conseqüentemente evoluir.

Apesar da grande maioria dos estilos utilizados ser *convergente*, foi utilizado também um estilo *divergente*: a *descoberta guiada*, foi um estilo de ensino introduzido de forma progressiva perto do final do ano lectivo, dando ainda mais autonomia aos alunos, foi utilizado nos desportos coletivos nos grupos de nível mais avançados. Apesar das tentativas e do constante questionamento dirigido, este estilo não apresentou tanto sucesso na turma, uma vez que os alunos começavam a tornar os jogos reduzidos em

momentos de grande anarquia, prejudicando assim as aprendizagens adquiridas anteriormente. No entanto, com algumas aulas mais, e dando continuidade ao trabalho desenvolvido penso que a estratégia da *descoberta guiada* tinha tudo para ter sucesso no ano letivo seguinte (8ºano).

Hoje em dia ao escrever este texto e refletir sobre os acontecimentos do passado, concluo com certezas de que este foi um ano de muita evolução, de aprendizagem. O valor das reuniões semanais é altamente eficaz na evolução do professor estagiário tal como a reflexão pessoal escrita nas autoscopias.

Já os estilos de ensino foram adequados aos momentos e resultaram bem na turma, fui flexível e procurei encontrar o estilo indicado para a modalidade e momento de aprendizagem o que levou a uma conclusão dos objetivos gerais estipulados no PAT. A condução das aulas acabou por se revelar positiva, com disciplina, um excelente clima de aula e aprendizagens de qualidade o que se refletiu nas avaliações dos alunos.

### **3.6. Autoscopia - O mito de Sísifo**

Confesso que quando comecei a realizar as autoscopias julguei que estava dentro do mito de Sísifo, condenado para eternidade a empurrar uma pedra até ao topo de um monte, caindo a pedra sistematicamente da montanha sempre que o topo era atingido. Eu sentia-me como Sísifo, pensava que descrever os acontecimentos passados na minha aula era algo completamente inútil. No entanto, percebi que estava a interpretar de um modo errado a autoscopia, não seria uma apenas burocracia de estágio, mas sim um processo de autorreflexão (Onofre & Ribeiro, 2009). Ou seja, eu estava a levar a autoscopia como a escrita de um diário, apenas debitava informação, não refletia sobre o que escrevia e nem dava sentido ao documento em si.

Tudo mudou mais ou menos a meio do primeiro período, a minha capacidade reflexiva começou a evoluir, o pensamento dirigido para as minhas ações semanais foi-se aprofundando e a partir daí surgiu o início da resolução de muitos problemas que tinha. Descobri o poder da autoscopia, da reflexão, do aprender com a situações passadas e comecei a dar sentido às experiências que vivenciava enquanto professor. Como referi anteriormente as barreiras e as dificuldades que tinha começaram a dissipar-se de maneira mais eficaz, as soluções para os problemas não foram apenas a nível da condução do ensino, mas simultaneamente para estratégias de planeamento, formação de grupos, rotações de espaço, modo de comunicação com os alunos e muitos outros. Mais concretamente melhorei o meu posicionamento em aula, estava muitas vezes de costas para algum grupo de alunos e não me estava a posicionar de modo a observar toda a turma o que mudou. Para além disso há o exemplo das



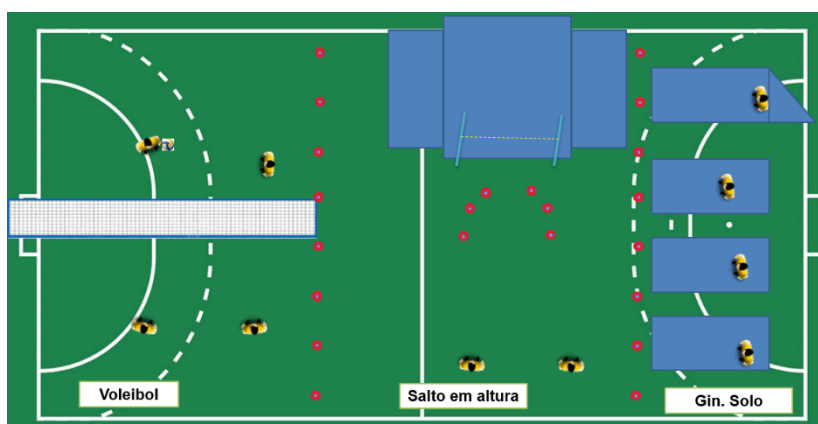


Figura 4 - Exemplo visual da disposição de material e funcionamento das estações - Ginásio A

Para além das autoscopias semanais, realizei também os balanços de planos de etapa e de unidades ensino com o mesmo intuito, realizar a autorreflexão sobre os métodos utilizados e pensar em estratégias para melhorar nos seguintes planeamentos. Nestes balanços é possível ter uma perspetiva mais abrangente com períodos temporais maiores onde foquei a reflexão para outras vertentes, como a evolução dos alunos, estratégias de planeamento entre outras.

Realizando uma pequena conclusão diria que a autoscopia é a base da evolução do estagiário para além das reuniões semanais (onde se trabalha com base nas autoscopias) com os colegas e a orientadora de estágio. Dando sentido ao que escrevemos nos documentos torna-se possível analisar a prestação do estagiário nas suas ações semanais levando conseqüentemente à prosperidade do mesmo no meio escolar, tal como foi indicado nos exemplos acima.

### 3.7. Yin e Yang - Da avaliação formativa à avaliação sumativa

Tal como no Taoísmo, uma filosofia chinesa com milhares de anos, a avaliação sumativa e a avaliação formativa assemelham-se ao yin e yang. Uma parte é preta outra parte é branca, no entanto há sempre um pouco de branco no preto e um pouco de preto no branco, podemos deduzir que andam sempre de “mãos dadas”. O autor Harlen (2007), evidencia que um procedimento de avaliação com qualidade deve ponderar a relação de equilíbrio entre estas duas componentes. Desta maneira torna-se possível assegurar uma eficaz diferenciação das necessidades e inclusão de todos os alunos. De certa forma, nenhuma das ferramentas pode ser definida como 100% formativa, ou 100% sumativa, já que as mesmas podem adotar ambas as finalidades, em momentos temporais distintos.

Araújo (2015) refere que a avaliação formativa tem a intenção de dar feedback aos alunos com objetivo que este evolua nas suas aprendizagens e, simultaneamente serve para recolher informações com o intuito de orientar o ensino no futuro em função das necessidades dos alunos. O aluno, estando inserido neste processo de avaliação, absorve informações de cariz diagnóstico sobre a sua aprendizagem, fomentando assim a sua autonomia para evoluir nas suas próprias aprendizagens (Fernandes, 2005).

Na EBES a avaliação formativa aconteceu desde o primeiro ao último dia, - por exemplo através das fichas “em que nível me encontro” - e a sua importância foi fundamental não só para o desenvolvimento dos alunos, mas também para o meu. A sua execução teve de ser semanalmente trabalhada para que existisse sucesso ao longo de todo o ano, ou seja, com alteração de fichas de observação ou também as fichas “em que nível me encontro”.

Após terminada a etapa da avaliação inicial e possuir informações sobre todos os alunos nas diferentes matérias, comecei a realizar fichas de registo para que os alunos entendessem a diferenciação das tarefas, os grupos de trabalho e acima de tudo para observarem onde e como poderiam evoluir nas suas aprendizagens. Realizar este processo foi uma das situações mais trabalhosas no estágio, mas é um método eficaz que fez a diferença no sucesso da turma.

A observação constante dos alunos em aulas politemáticas de blocos de 45 minutos revela que o professor necessita de uma concentração constante e uma presença intensa nas várias estações. Sendo que esta se revelou como uma dificuldade foi necessário refletir e procurar soluções que colmatassem este problema. A estratégia utilizada consistiu na realização de fichas de observação das tarefas em aula e da observação dos alunos em que mais dúvidas tinha acerca do seu nível. Consequentemente - mas nem sempre aplicado como desejaria - foram definidas prioridades de observação. Estas estratégias de observação continham os alunos/grupos que desejava observar, a respetiva matéria e a tarefa de aula em que os mesmos se encontravam. Inicialmente isto não aconteceu, mas com as dificuldades de observação que estava a ter optei por ajustar os grupos de forma a facilitar o registo das minhas interpretações. Esta estratégia fez claramente a diferença no que toca a observação dos alunos, e será no futuro utilizada por mim para tornar os processos de avaliação sumativa e observação mais eficazes, uma vez que a sua utilização permite aplicar um método de recolha de informação mais eficiente. Para que esta estratégia funcione e seja possível observar para ensinar é extremamente importante refletir constantemente: pensar o porquê de realizarmos certas tarefas; definir quem desejamos observar; quem está perto de atingir certo nível; quem necessita de mais apoio. Este processo tornará a aprendizagem possível e importante referir que esta estratégia

transcende não só para a lecionação das aulas de EF, mas também para o DE no treino de uma modalidade.

Para além das fichas de observação a estratégia de mostrar aos alunos o seu nível de aprendizagem também foi aplicado em todas as aulas. Esta apesar de ser muito simplista revela um trabalho regular pois consistia em colocar, por cada estação de cada aula, uma folha para cada matéria com o nome de todos os alunos e o nível em que se encontravam. Estas transmitiam informação vigente não só para o aluno reconhecer o nível em que estava, mas para poder refletir sobre ele e as suas aprendizagens e também para estar corrente dos objetivos que já havia atingido e quais os objetivos necessitava de atingir para chegar a um patamar mais elevado, já que estes estavam também descritos no documento. Mesmo sabendo que as folhas estavam sempre afixadas senti que uma minoria dos alunos ignorava as mesmas, portanto, nas aulas reforcei sempre a importância de consultarem essas mesmas folhas e realizava questionamento dirigido de modo a que entendessem a importância de conhecer os objetivos. Para além disso, no final de cada UE - em todas as matérias abordadas – tive o cuidado de “fechar” as unidades de ensino ditando o nível em que os alunos se encontravam, e esclarecendo aos mesmo o motivo dessa mesma classificação.

## VOLEIBOL

| EM QUE NÍVEL É QUE ME ENCONTRO |                    |                    |              |
|--------------------------------|--------------------|--------------------|--------------|
| Não Introdutório               | Parte Introdutório |                    | Introdutório |
| Aluno X                        | Aluna K<br>Aluna Y | Aluno A<br>Aluna O | Aluno T      |

| O QUE É QUE EU TENHO DE TRABALHAR PARA PODER EVOLUIR?  |   |   |
|--|---|---|
| Parte Introdutório   | Introdutório  | Elementar   |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desloca-se antecipadamente em direção à bola, estando bem enquadrado e em equilíbrio no momento da sua receção;</li> <li>- Dá continuidade às jogadas mantendo “a bola no ar”, utilizando o passe;</li> <li>- Realiza com êxito o <u>auto-passe</u>, seguido de passe para o colega.</li> </ul> | <p>Em concurso em grupos de quatro, num campo de dimensões reduzidas e bola afável, com dois jogadores de cada lado da rede, joga com os companheiros efetuando toques com as duas mãos por cima e/ou toques por baixo com os antebraços, para manter a bola no ar, com número limitado de toques sucessivos de cada lado;</p> <p>Em exercício critério executa:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Serviço por baixo.</li> </ul> | <p>O aluno, executa todas as competências do nível anterior e ainda:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Serve por baixo ou por cima (tipo ténis)</li> <li>- Recebe o serviço em manchete ou com as duas mãos por cima;</li> <li>- Na sequência da receção do serviço, posiciona-se correta e oportunamente para passar a bola a um companheiro em condições de este dar continuidade às ações ofensivas (segundo toque), ou receber/enviar a bola, em passe colocado ou remate (em apoio), para o campo contrário.</li> </ul> |

Figura 5 - Exemplo de ficha: Em que nível me encontro

Nas últimas semanas do primeiro período, em dezembro, começava a aproximar-se o final da primeira etapa de formação, tal como o momento de atribuição de classificação aos alunos. Já mais confortável com as questões de planeamento e condução, também mais confortável perante os elementos do GEF e colegas de turma, o novo desafio foi então atribuir as classificações do final do período. Apesar, de querer

ser rigoroso e cumprir os critérios da melhor maneira possível temi estar a fazer alguma injustiça e senti alguma insegurança no que estava a fazer. Senti que neste processo poderia haver alguma subjetividade, sendo que também pensei que olhares diferentes poderiam interpretar os critérios de maneira diferentes. Não obstante, fui fiel à metodologia, com análises profundas atribuí então a classificação sumativa com base em todas as informações recolhidas ao longo do ano. Devo de dizer que dois alunos da turma tiveram a sua classificação sumativa revista em conjunto com professora orientadora. Após essa revisão, alteramos a sua classificação final por motivos que transcendem os critérios, como por exemplo: por em causa a motivação do aluno; dar uma segunda chance para o aluno mostrar o seu valor. Aqui o que funcionou foi o instinto e experiência de docente, para que o aluno obtivesse sucesso no futuro. Confesso que até ao final do ano resultou na perfeição, os alunos entenderam o que necessitavam de melhorar e tornaram-se merecedores da sua classificação final.

De acordo com Guerra (2009) a avaliação é essencial para os processos de ensino-aprendizagem, mas muitas vezes é olhado de maneira pessimista por parte dos alunos, gerando muitos sentimentos negativos como por exemplo o medo. É imprescindível mudar essa perspetiva, e foi o que tentei fazer muitas das vezes, portanto, nunca utilizei avaliações para assustar os alunos, intimidar ou ameaçar com resultados.

De um modo simples, Fernandes, (2007) descreveu a avaliação sumativa como um processo de recolha e interpretação de informação, destinada a classificar e a certificar os alunos, deve ocorrer para fazer balanços globais sobre o que os alunos sabem e são capazes de fazer. Completando esta definição, é possível afirmar que avaliação é um processo aberto de recolha de informação sistemática - parcialmente negociado, mais ou menos participado e interativo - sobre o que os alunos têm capacidade de realizar numa diversidade de situações (Araújo, 2015; Fernandes, 2005).

O facto de ser participado pelos alunos revela a importância da mesma. Ou seja, quando os alunos realizam a autoavaliação no final de cada período e ano letivo, envolve-os de tal maneira no processo, que nós professores conseguimos identificar se realmente os alunos demonstram conhecimento nos critérios e noção do seu percurso ao longo das aulas. Melhor dizendo, um aluno apto para se autoavaliar demonstra que conhece os objetivos de aprendizagem, têm conhecimento dos critérios para analisar o seu progresso e simultaneamente torna-se capaz de gerir o seu percurso na disciplina (Araújo, 2015).

Outra estratégia para ultrapassar a barreira que encontrei na realização da avaliação sumativa, foi o facto de conferenciar com os colegas de estágio para entender quais as suas estratégias e procurar soluções conjuntas. Entendi que nós nos encontrávamos em posições idênticas, e por isso ajudamo-nos mutuamente na

observação dos alunos e interpretação de critérios de avaliação. Estas reflexões ajudaram a ultrapassar os momentos de insegurança e desconfiança. Como referi anteriormente, a colaboração com a orientadora também foi fundamental para desenvolver a nossa competência nesta vertente.

No meu entender os alunos estão muito focados no número final e apenas na avaliação sumativa, desconhecendo o poder e a influência que a avaliação formativa tem no sucesso dos alunos. Para além de promover a autonomia, a avaliação formativa, é uma ferramenta que desmonta as tarefas de aula e diferencia aluno a aluno e quais os seus objetivos atingir. No futuro, enquanto docente desejo reforçar perante os alunos a importância da avaliação, retirar a ideia de que a mesma tem uma conotação negativa. Fazer entender que esta não é apenas um número ou classificação, mas sim, faz parte de um processo de aprendizagem, de uma análise às nossas capacidades, uma projeção até onde podemos chegar e como. Portanto, torna-se necessário apresentar a avaliação formativa como um momento positivo que leva ao sucesso do aluno na avaliação sumativa.

## 4. Ensino em Casa

### 4.1 Subscrição SchoolFlix

No começo do 2º período, mais precisamente na terceira semana de janeiro, fomos forçados a um novo confinamento, mais uma vez as escolas pararam o ensino presencial por motivos relacionados com a pandemia da covid-19. Após a ordem das entidades governamentais, deram-nos duas semanas de férias, no entanto, estas serviram para a criação da plataforma *SchoolFlix*. Durante estes 15 dias, foi elaborado pelos estagiários, o conteúdo que posteriormente foi lecionado durante a etapa de ensino online. A plataforma é composta por vídeos com episódios curtos e educativos das matérias que constituem o PAT, com linguagem de fácil compreensão, imagens apelativas e correspondentes às matérias. O *SchoolFlix* foi um sucesso entre os alunos e outros docentes, pois o carregamento da mesma online permitia não só os alunos visualizarem em direto na aula, como também permitia os alunos repetirem os episódios quando quisessem as vezes que desejassem. O nome adotado foi claramente inspirado no sucesso mundial *Netflix* devido às semelhanças apresentadas entre ambas as plataformas, no entanto, a temática da *SchoolFlix* apenas abordava os conteúdos da EF.

A capacidade de adaptação foi fundamental para o sucesso no ensino online uma vez que nos encontrávamos num contexto completamente inédito. O poder do estudo autónomo e do procurar desenvolver capacidades que enriqueçam o nosso conjunto de *skills* foi elementar e desempenhou grande papel no sucesso em situações diferenciadas como por exemplo esta (Allen et al., 2016). Posso afirmar sem qualquer tipo de dúvida que dei uma resposta positiva à etapa de ensino online. O meu conhecimento permitiu criar um conjunto de ferramentas que se constituíram como bases para a lecionação das aulas.

Para além do *SchoolFlix* utilizámos também a plataforma Quizizz, para realizar questionários personalizados e interativos sobre as matérias, com pontuações *live*. Este podia ser realizado em aula e também como trabalho de casa. Apresenta características altamente formativas o que na minha opinião fez a diferença nos resultados tão positivos que os alunos obtiveram. Também referenciar o *Googleforms* a plataforma onde realizámos a avaliação sumativa.

A situação COVID-19 exigiu aos docentes conhecimentos e habilidades em novas tecnologias, mas não só, é necessário que exista confiança no sucesso online. Em relação à área afetiva e motivacional a autoeficácia dos professores revela-se indispensável na competência dos mesmos. A autoeficácia dos professores evidencia

crenças dos docentes sobre as suas habilidades para ter sucesso em situações específicas (Onofre & Jardim 2009). Logo, considera-se que a autoeficácia dos professores é um recurso decisivo para os docentes forçados à adaptação do ensino online durante o encerramento das escolas (König et al., 2020); . A capacidade que tenho para trabalhar com novas tecnologias é relativamente boa, isso foi fundamental para a minha autoeficácia e conseqüentemente para a construção de um conteúdo apelativo presente no ensino online.

Em relação ao planeamento da etapa online foi construído durante os 15 dias de pausa letiva com base nestas plataformas, onde pudemos em núcleo, ajustar conteúdos e preparar as semanas que se avizinharam. Como já referi, mantivemos no planeamento as matérias que supostamente iríamos abordar no ensino presencial, mas focámos as aulas para a vertente que mais produzia aquisição de novas aprendizagens por parte dos alunos, a área dos conhecimentos. Para a manutenção da aptidão física planeámos também – com recurso a tecnologias de vídeo - blocos de 10 minutos com intensidade moderada/vigorosa para os alunos realizarem em aula e se desejassem fora dela.

Inspirada no planeamento, a condução foi realizada conforme o conteúdo presente nas plataformas digitais, foi muito intuitivo conduzir a aula com o auxílio das mesmas o que levou a ter sucesso na condução e transmissão de conteúdos. Confesso que apesar de achar um sucesso na aprendizagem dos alunos, existiram dois alunos com comportamentos desviantes, a falta de disciplina dos mesmos, gerada pela falta de motivação impediu-os de terem resultados positivos nesta etapa. A estratégia, altamente interativa e com competição saudável dentro da turma não foi suficiente para motivar todos, mas mais tarde vim a descobrir que o problema poderia não estar em mim uma vez que estes dois alunos adotaram este tipo de comportamento nas restantes disciplinas. Quanto aos restantes, a grande maioria, aplicaram-se de maneira regular, com bastante interesse, interação entre professor aluno o que levou a ter consequência direta na classificação final. Na figura abaixo podemos confirmar os resultados positivos da turma.



Figura 6 - Quizizz, Classificação geral

Também é muito importante referir os processos de avaliação formativa durante o ensino online. Aqui optei por utilizar ferramentas que fazem os processos de avaliação formativa praticamente automáticos. Na figura 2, podemos constatar os dados obtidos na plataforma Quizizz, a que mais utilizámos, serve para realizar questionários, sendo que é bastante interativa, com pontuações *live* que pode ser realizado em aula e também pode ser enviado como trabalho de casa como já referi. Esta recolhe evidências formativas uma vez que apresenta as correções aos alunos na hora. Foi possível concluir que a turma apresentou uma motivação elevada para a mesma. A consecução dos questionários revelou resultados altamente positivos. Para além disso servia de motivação á atenção nas aulas afim de obter o melhor resultado possível no Quizizz. Os alunos também poderiam utilizar esta ferramenta autonomamente fora do horário das aulas, tanto para realizar de novo os Quizizz ou mesmo para analisar o seu histórico de resposta.

|                   |    | Formulário de Voleibol | Questionário sobre Capacidades Físicas | Questionário de Andebol | Questionário sobre Basquetebol | Questionário sobre Futebol | Questionário de Badminton | Questionário de Atletismo |
|-------------------|----|------------------------|--|-------------------------|--------------------------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| ABRIR O CLASSROOM |    | 100                    | 100                                    | 100                     | 100                            | 100                        | 100                       | 100                       |
| Média da turma    | 73 | 75,0                   | 66,36                                  | 74,81                   | 76,14                          | 72,5                       | 80                        | 66,82                     |
|                   | 73 | 70                     | 85                                     | 65                      | 80                             | 65                         |                           | 91                        |
|                   | 56 | 50                     | 35                                     | 70                      | 50                             | 50                         | 80                        | 60                        |
|                   | 69 | 80                     | 45                                     |                         | 60                             | 65                         | 95                        | 60                        |
|                   | 58 | 50                     | 55                                     | 75                      | 55                             | 45                         | 70                        | 61                        |
|                   | 74 |                        | 80                                     | 60                      | 70                             | 70                         | 90                        | 81                        |
|                   | 77 | 60                     | 60                                     | 90                      | 85                             | 85                         | 80                        | 69                        |
|                   | 93 | 90                     | 95                                     | 100                     | 90                             | 95                         | 90                        | 96                        |
|                   | 47 | 55                     | 50                                     | 45                      | 50                             |                            | 35                        | 41                        |
|                   | 64 | 65                     | 50                                     | 70                      | 65                             |                            | 70                        | 46                        |
|                   | 80 | 90                     | 90                                     | 80                      | 85                             | 60                         | 75                        | 75                        |
|                   | 55 |                        |  | 55                      | 65                             |                            | 45                        | 50                        |
|                   | 84 | 95                     | 75                                     | 75                      | 85                             | 75                         | 100                       | 56                        |
|                   | 63 | 55                     | 40                                     | 55                      | 75                             | 65                         | 85                        |                           |
|                   | 83 | 70                     |  |                         | 90                             |                            | 90                        |                           |
|                   | 73 | 80                     | 80                                     | 65                      | 70                             | 60                         | 80                        | 71                        |
|                   | 57 | 60                     | 30                                     | 75                      | 60                             | 60                         | 55                        | 51                        |
|                   | 96 | 95                     | 95                                     | 95                      | 95                             | 95                         | 100                       | 95                        |
|                   | 72 | 80                     | 55                                     | 70                      | 80                             | 65                         | 80                        | 60                        |
|                   | 86 | 90                     | 65                                     | 96                      | 95                             | 85                         |                           | 57                        |
|                   | 78 | 70                     | 70                                     | 100                     | 70                             | 75                         | 80                        | 59                        |
|                   | 90 | 100                    | 80                                     | 85                      | 90                             | 85                         | 100                       | 67                        |
|                   | 82 | 85                     | 85                                     | 70                      |                                | 95                         | 75                        | 63                        |
|                   | 77 | 80                     | 60                                     |                         | 80                             | 75                         | 90                        | 74                        |
|                   | 85 | 80                     | 85                                     | 75                      | 95                             | 80                         | 95                        | 87                        |

Figura 7 - Classificação do google forms

Na figura acima podemos fazer a conexão entre o planeamento, a condução das aulas com o auxílio da plataforma *Shoolflix*, processos de avaliação formativa do *Quizizz* com os resultados obtidos na média classificação final da avaliação sumativa dos conhecimentos. Ou seja, desde o planeamento à classificação final, apesar de ser uma situação desconhecida, existiu uma boa interligação de processos e a adaptabilidade à situação online foi deveras um dos pontos mais positivos do estágio. No futuro enquanto docentes é importante abraçar a adaptabilidade, ter personalidade, mas saber mudar consoante as necessidades do contexto, as necessidades dos alunos e outros fatores que possam surgir no momento.

## 4.2 Sê a Voz não o Eco – A direção de turma parte II

Antes descrever e refletir sobre este capítulo, é importante referir duas situações. Relembrar que na formação cívica lecionei juntamente com a turma da orientadora e referir que ao longo do segundo período a turma que me foi atribuída sofreu uma substituição de diretoras de turma, a professora D entrou em licença de paternidade e no seu lugar ficou a professora C. Pela primeira vez a lidar com a função de docente e ao mesmo tempo de diretora de turma, a professora C apresentou algumas dúvidas em relação ao funcionamento do cargo. Visto que eu já tinha experienciado o trabalho da professora D e conhecia a turma, estabeleci desde logo uma relação positiva com a C, em que a ajudei em alguns aspetos que mais necessitava. Desde a sua entrada reunimos todas as semanas para tratar dos assuntos escolares, esclareci-lhe algumas dúvidas, dei a conhecer a turma e os elementos constituintes, falámos sobre os encarregados de educação, ajudei na comunicação aos mesmos, lidámos com problemas que surgiram e também lecionei a formação cívica com ela, orientando atividades (relembrar que já lecionava a FC em conjunto com a prof. orientadora). Em relação á professora ACR continuámos a trabalhar em conjunto da mesma maneira até ao final do ano letivo. Fico muito satisfeito por ter tido a oportunidade de lidar com uma pessoa tão flexível em que a relação que tivemos permitiu a ambos evoluir, enriquecer com a experiência, beneficiar com a troca de ideias e prosperar com as dificuldades que surgiram.

Lidei com três DT ao longo do ano, todas elas com estilos de ensino e metodologias diferenciadas, deduzo que a minha autonomia foi um aspeto chave para estar tão á vontade no exercício de funções com as professoras em questão. De um modo geral, referenciei quais os pontos positivos de cada professora que valorizaram o meu estágio. Com a professora D, aprendi a tratar dos processos, atividades e questionários para realizar um levantamento das informações iniciais da turma, bem como, a preparação de assuntos de aula como a planta da sala. Com a professora ACR, foi possível entender como se conduzia uma aula de FC, bem como, tratar de questões de disciplina e clima. Com a professora C experienciei contactos com os EE tanto coletivos como individuais. Fazendo uma analogia a esta situação de permuta de docentes, é possível verificar que existem inúmeros fatores contextuais num estágio escolar e estes levam à influencia da identidade profissional do professor estagiário (Allen et al., 2016), o autor acredita ainda que o professor orientador deve estar presente para ajudar a identificar maneiras de resolver novos problemas, encorajar a falar com os restantes colegas, desenvolver afinidade no grupo e construir a sua identidade

profissional. Portanto, uma estratégia para o futuro passará por ser um docente flexível. Até ao fim de carreira, surgirão situações novas e imprevisíveis, onde a capacidade de adaptação ao contexto é um fator chave no sucesso e de aprendizagem dos docentes.

Em relação a FC, considero ser uma área de extrema importância para a educação dos alunos, o meu objetivo ao longo do ano moldou-se no intuito de ser criativo e ao mesmo tempo educativo. Nos momentos que em a professora orientadora me permitiu conduzir a sua turma apresentei diversas atividades com enorme sentido em valores sociais e cívicos.

Portanto, durante este ano letivo a formação cívica foi a área onde senti também liberdade de trabalho, conseqüentemente a isso apliquei princípios que acredito beneficiarem o processo de ensino/aprendizagem dos alunos. Nestas aulas é possível desenvolver temáticas diferenciadas e por isso procurei providenciar aos alunos conteúdos em vista a seu progresso enquanto cidadãos exemplares, cultos e atentos às situações mundiais ocorrentes.

Na tabela abaixo figuram alguns exemplos do que foram essas mesmas atividades:

|                                      |   |
|--------------------------------------|---|
| <b>Atividade quebra gelo</b>         | Serviu de apresentação dos alunos á professora C e correu muito bem, o objetivo foi cumprido, dar a conhecer a turma e gerar confiança entre professor aluno.   |
| <b>Documentário DAC</b>              | Visualização parcelada do documentário “Down to earth” episódio “água”. Onde pausei o documentário para a turma debater sobre: oferta da água em Portugal; Acesso a água em Portugal; escassez da água; os plásticos e microplásticos; tratamento e reutilização da água; a valorização do esforço individual. Foi deveras uma visita de estudo virtual.                          |
| <b>Sopa de Letras personalizadas</b> | Serviu de jogo educativo e interativo aos alunos onde o objetivo foi trabalhar os conceitos das DAC.  |
| <b>Atividade do Presidente</b>       | Realizada em ambas as turmas, esta atividade teve como objetivo a participação de todos os alunos em aula. A atividade consistia em simular um problema de uma cidade fictícia em que os alunos teriam de assumir o papel de presidente e arranjar soluções para o dissipar.<br>Faço um balanço positivo, as participações foram pertinentes e foram de encontro ao tema das DAC. |

|  |   |
|--|---|
| <b>Carta ao futuro</b>                   | Esta atividade consistiu na realização de uma carta pessoal e individual que os alunos escrevem para o futuro “eu”. O objetivo passa por consciencializar os alunos de que podem melhorar certos aspetos do seu dia-a-dia e tornar o Mundo num sítio melhor. O conteúdo da carta consistia numa promessa pessoal. Composta por objetivos concretos e tangíveis que os alunos sugeriram a si mesmos. Por exemplo: “(...) comprometo-me a gastar menos água em casa”. |
| <b>Atividade do chafariz</b>             | Foi introduzida primeiramente através de um documentário sobre a água. Expus informações, expus um mapa da cidade de Lisboa e respetivos chafarizes. Após exposição, desafiei os alunos a encontrarem o maior número de chafarizes na cidade.<br><br>O documentário foi oportuno tendo em conta o tema das DAC e congruente com a atividade de pesquisa.  |
| <b>Intercambio com a escola Europeia</b> | Projeto planeado e combinado, mas não realizado. Esta atividade consistia numa dinamização entre duas turmas de escolas diferentes. O foco principal seria sensibilização para a pandemia do COVID-19, mas não só, falar também pessoalmente entre alunos e falar sobre a cultura dos diferentes países, dando uma visão abrangente do ensino na europa.  |

*Tabela 1 Atividades em FC*

Estas atividades acima referidas foram realizadas com base nas principais características da turma que foram identificadas.

Admito que não esperava um interesse tão grande nesta área 4, aquela que por vezes desvalorizamos como alunos quando estamos na escola, funciona quase como um trabalho de bastidores. É possível inspirar os alunos a serem melhores cidadãos, dando a conhecer conteúdos que lhes servirão para a vida inteira, provindo-os de informação, cultura, sentido crítico e sensibilizar para a importância da responsabilidade social. Depois de passar por esta experiência fico com a ideia de que quero ser DT, influenciar ainda mais os meus alunos com projetos criativos, adorei fazer as atividades e vi realmente que a estratégia forma genuinamente bons cidadãos e existiu um interesse e empenho por parte de todos deles, mesmo os mais abstraídos. Referir

também que me sinto muito grato, existiu uma compreensão e um clima de respeito entre todos os professores envolvidos, mesmos os professores do CT. A diretora de turma deixou-me muito á vontade a falar com os encarregados de educação, partilhou todos os assuntos comigo sempre em qualquer circunstância. Esta área revela-se fundamental para o desenvolvimento do estagiário enquanto docente, e sinceramente nas aulas de FC não apresentei dificuldades que merecessem muita atenção.

Para além do trabalho realizado diretamente com as turmas, assisti às reuniões de CT com uma presença assídua e ativa, contribuindo ativamente com participações acerca de comportamentos dos alunos, métodos de trabalho, testemunhos verbais. Com os professores reunidos foi-me possível adquirir conhecimentos sobre as ações comportamentais dos alunos quando confrontados com os outros docentes nas outras disciplinas. Através da experiência das reuniões concluo que os meus alunos apresentaram diferenças comportamentais nas diferentes disciplinas e não existiu estratégia de outros docentes que se aproveitasse para utilizar com a minha disciplina. Faço neste capítulo uma breve critica aos CT e à forma como estão estruturados, através de conversas com profissionais de outros países onde o sistema educativo é mais avançado em relação ao português os CT não são tão duradouros, são realizados em menos de uma hora. Na experiência que tive este ano considero que de um modo geral as reuniões poderão ser melhor preparadas, os professores opinam em demasia sobre assuntos pouco significativos para o desenvolvimento do aluno ou da turma e esses fatores levam a que a reunião se prolongue no tempo até durar três horas, conseqüentemente aparecerá a fadiga e desatenção dos professores. Dando um exemplo concreto penso que faria mais sentido usar algumas tecnologias como projetar a pauta numa tela e realizar a revisão de notas dessa maneira, não existindo a necessidade de ditar aluno a aluno, nota a nota como se fez. Portanto, existem situações que o sistema educativo e os próprios membros das escolas devem rever para existir uma melhoria da eficácia das reuniões, desde logo existir uma preparação atempada por parte da cada um e do diretor de turma e simultaneamente existir pertinência das informações fornecidas por cada professor. Deste modo espero no futuro puder contribuir ativamente para aprimorar estas reuniões com sugestões, utilização de novas tecnologias de auxílio, opiniões e testagem de novos métodos.

## 5. De volta à escola – Uma boa luta

### 5.1. O produto final - Desporto Escolar

No âmbito do desenvolvimento das competências do Estágio Pedagógico apresentadas no Guia de Estágio relativas à *Área 3 – Participação na Escola*, é definido que cada professor estagiário fica responsável pela atividade pedagógica de um núcleo de DE. Nesta vertente, o estagiário deve realizar a conceção e dinamização de atividades de DE ou de atividade de enriquecimento curricular de carácter sistemático. Como está referido no guia de estágio: “As competências a desenvolver pelo estagiário devem passar por coadjuvar em projetos de complemento curricular como o DE e outros de carácter mais episódico, que visem ampliar a formação a desenvolver no âmbito do projeto curricular da disciplina de EF. (Faculdade de Motricidade Humana, 2020 - pág. 15)

Através da leitura de alguns excertos acerca das conclusões da reflexão sobre o DE entre a Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF), o Conselho Nacional dos Profissionais e Professores de Educação Física (CNAPEF) e o Comité Olímpico de Portugal (COP) torna-se claro entender qual a importância e a relevância do DE no nosso país:

“É inequívoco o papel do DE para a promoção de estilos de vida saudáveis, para a formação da cidadania e para o desenvolvimento e aprofundamento das capacidades e competências numa determinada modalidade, de forma facultativa e vocacional.

Como atividade de complemento curricular com um enorme valor educativo, tem na escola o seu espaço de desenvolvimento, uma vez que é ali que se encontram todos os jovens, que existem condições físicas e materiais e onde existe o necessário enquadramento técnico qualificado, para uma aposta na formação desportiva de qualidade.

A valorização do DE não deve ser um objetivo em si mesmo, mas o resultado de um alargado conjunto de decisões, medidas e ações em diferentes níveis de decisão. A sua valorização está dependente em primeiro lugar da importância política que lhe é atribuída enquanto projeto de desenvolvimento desportivo pelos diferentes níveis de poder, e do apoio, contínuo sistemático e sustentável que lhe é proporcionado. A promoção e valorização do DE devem ser fomentadas a partir do contexto local. Resulta daqui a importância de se conceberem programas “centrais” que definam princípios que orientem a apresentação de projetos específicos ao nível

local, potenciando a existência de configurações diferenciadas em função das condições existentes.” (SPEF, CNAPEF & COP., 2017 - pág. 2)

A existência de uma equipa de DE, seja ela de ginástica ou de qualquer outra modalidade, é uma oportunidade vantajosa para que os alunos possam evoluir diariamente dentro da sua escola a praticar uma modalidade. Existem por exemplo atletas portugueses que começaram por praticar desporto na escola numa equipa de DE e conseguiram alcançar medalhas olímpicas. Ou seja, a abertura de uma equipa e a captação de alunos permite que sejam desenvolvidas competências que têm um efeito positivo para o desporto federado, alavancando os processos de evolução dos atletas.

A EBES apresentou várias modalidades como oferta de DE, o critério de seleção foi aleatório sendo que a mim ficou encarregue de coadjuvar com a equipa de ginástica. Os treinos constituíam-se por três sessões semanais, um bloco à terça-feira e dois blocos na quinta-feira, um total de 135 minutos semanais. Já a equipa era constituída por cerca de 20 alunos, que compreendiam idades dos 10 aos 16 anos.

A divulgação do grupo equipa de ginástica foi realizada nas primeiras semanas de aulas, existindo um logo um número considerável de atletas inscritos. Com a pandemia e visto que existia muito receio por parte dos pais em autorizar a participação dos filhos o objetivo foi o de procurar aumentar o número de praticantes através do contato pessoal com os alunos, o que resultou e foi possível formar uma equipa com elementos consideráveis.

Nas primeiras sessões foi necessário realizar um diagnóstico dos alunos, uma avaliação inicial do grupo equipa. Esta serviu para diferenciar as capacidades dos diferentes alunos e poder fazer um registo individual do seu diagnóstico e prognóstico. Esta estratégia de registo foi realizada numa ficha de observação, mais tarde transformada em formato excel e revelou-se essencial para o sucesso de equipa de ginástica. Nesta modalidade existem muitas tarefas que podem ser realizadas de forma individual e a minha conclusão após o término do ano letivo, é que a ginástica e o seu trabalho específico permitem ao aluno evoluir muito rapidamente com este método, ou seja, suprir as necessidades de cada atleta. Para realizar o trabalho de avaliação inicial no núcleo de ginástica construí uma pequena tabela, género *checklist*, com movimentos gímnicos de modo a verificar a consecução dos mesmos por parte dos alunos. Foi um método simples e eficaz que resultou na perfeição. No final do ano a tabela que serviu para a avaliação inicial, serviu também para realizar um levantamento final das capacidades adquiridas pelos alunos ao longo dos treinos. Através da comparação das duas tabelas foi possível verificar as diferenças existentes e no final do ano as capacidades dos alunos evoluíram de forma significativa, tendo os mesmos assimilado



Em relação ao planeamento e condução, na parte da diferenciação não existiram dificuldades no que concerne à ginástica, no entanto, em aula o acompanhamento revelou-se mais trabalhoso, a estratégia passou por ajudar os alunos com maior dificuldade em primeiro lugar e de seguida aperfeiçoar a técnica dos alunos mais aptos e mais autónomos. Para além disso aplicou-se a estratégia de trabalhar a pares, tal como fiz em EF com a minha turma, onde os alunos mais aptos colaboravam ativamente na correção dos elementos gímnicos dos alunos menos aptos. Esta estratégia revelou-se muito positiva, os alunos abraçaram os exercícios a pares com um sorriso no rosto e motivação certa para colaborarem uns com outros. As diferenças de idades não foram problema uma vez que os mais velhos desempenharam um papel de tutor de forma exemplar, além do mais fez com que o cooperativismo prosperasse na equipa fomentando a importância do trabalho de equipa. Esta estratégia de providir autonomia aos alunos foi mais sucedida no DE do que em EF uma vez que os alunos tutores apresentam um grau de conhecimento mais elevado e os seus aprendizes um grau de predisposição para aprendizagem maior.

O título deste capítulo denomina-se produto final pois em ginástica adotámos uma estratégia para compensar os alunos impedidos de participar nas competições de DE. Recordar que devido à pandemia as competições de ginástica foram totalmente canceladas por motivos de segurança. Esta ideia surgiu no início do terceiro período e consistiu-se na realização de uma coreografia ao som várias músicas, esta foi construída com passos de dança e simultaneamente gestos gímnicos. Deste modo, encontrámos um método de trabalho que combina o exercício da ginástica de solo, com ginástica de aparelhos, trabalho rítmico e dança. Tudo isto permitiu motivar os alunos a estarem presentes nos treinos e ter um objetivo tangível para cumprir até ao final do ano, concluindo a coreografia. Contudo, todo este trabalho passou a fazer mais sentido para nós quando decidimos gravar em vídeo o produto final para mostrar aos familiares dos atletas o trabalho desenvolvido ao longo do ano.

Confesso que apesar de não seguirmos os programas minuciosamente à letra encontramos uma estratégia perfeita para motivar e cativar os alunos. A ideia foi criativa e os alunos adoraram trabalhar deste modo, a adaptação teve de ser feita uma vez que o trabalho de ginástica se estava a tornar muito repetitivo e deste modo achámos por bem incluir estes fatores ao trabalho da modalidade, o que se denotou como um grande sucesso.

Durante este ano, com grandes limitações e restrições ao DE posso concordar com afirmação da ideia de “Educação Física para todos os alunos, DE em todas as escolas” é um objetivo que devemos continuar a perseguir (SPEF, CNAPEF & COP., 2017). Apesar de ser apenas um desporto, a equipa de ginástica acolheu a diversidade

dos alunos, fomentou um ambiente positivo de cooperativismo aliado à exigência e estabelecimento de objetivos tangíveis. De facto, o desporto coligado com a educação promove o desenvolvimento não só da performance do atleta como promove o seu desenvolvimento escolar e social. Desejo no futuro enquanto profissional ajudar os meus atletas de DE nestas várias vertentes e criar um ambiente seguro onde possam treinar com rigor, empenho e alegria.

## **5.2. Semana a tempo inteiro**

No processo do estágio pedagógico os estagiários devem cumprir durante uma semana a carga horária completa de um professor de EF, projeto que é denominado por “Semana letiva a Tempo Inteiro”. Esta etapa do estágio aconteceu no final do terceiro período e incluiu a lecionação de 5 turmas dos vários anos de escolaridade (5º ao 9º ano) e, ainda o acompanhamento da direção de turma, do DE e as regulares reuniões de estágio. A participação nesta semana tem em vista a formação do professor estagiário dando-lhe a possibilidade de experienciar a lecionação do que é, num modo geral, o horário comum de um professor profissional. É deste modo expectável que esteja com turmas de níveis de aprendizagem diferentes. Simultaneamente, pretende-se que seja confrontado e testado com diversas capacidades: como a gestão temporal; gestão dos materiais; e a gestão da turma. Terminando ainda a importância da capacidade de adaptação, organização e condução das aulas, uma vez que os conteúdos são distintos, os alunos têm níveis diferenciados e as turmas possuem características diferenciadas.

A semana “Professor a Tempo Inteiro” foi para mim uma experiência normal no estágio pedagógico. Foi trabalhosa, mas não complexa, teve sim um conjunto de sensações acumuladas sendo elas positivas e negativas, mas que me possibilitou retirar algumas ilações daquilo que irei encontrar num futuro próximo enquanto professor de EF e da forma como devo intervir com os diferentes anos de escolaridade.

A organização de uma carga horária que incluísse diferentes ciclos e anos de escolaridade e o acompanhamento das mesmas foi propositada para experienciar o trabalho com outros anos, mas não se tornou numa dificuldade pois no núcleo do DE já lidava com alunos de idades distintas. Relativamente à carga horária, confesso que a minha semana já se constituía como bastante completa durante o ano letivo. Além do mais, fico em parte aliviado por não ser tão complicado como aparentava em relação à semana completa, pois é que nos espera num futuro profissional, horários completos todas as semanas. Importante foi manter a minha capacidade de trabalho e

organização, permitindo chegar às diferentes turmas ir ao encontro ao pretendido por cada professor. Ao nível da gestão dessa carga horária, poderei dizer que uma estratégia importante é preparar bem a organização e ser eficaz a arrumar o material pois não há tempo para repousar nos intervalos quando são aulas consecutivas.

Para que fosse possível lecionar as diversas aulas, a comunicação com os professores das respetivas turmas e a observação das mesmas na semana anterior, foi importante para analisar o maior número de características referentes à turma, ao modo funcionamento, observar alunos individualmente e enquanto turma. Todo este trabalho “pré semana a tempo inteiro” foi uma estratégia que ajudou no planeamento e posterior intervenção, presenciei as diferentes formas de trabalho e metodologias dos professores responsáveis pela turma.

Após a observação das características superficiais dos alunos, foi importante planear dando seguimento às matérias que o professor responsável pela turma tinha vindo a trabalhar. Sendo uma vez mais uma experiência repetida para mim, pois planeei aulas para turmas que praticamente nunca tive, tal como aconteceu nos primeiros tempos de contacto com o 7º. Foi ainda assim um pequeno desafio, pois desejei utilizar as metodologias e estratégias que tenho vindo a adotar com a minha turma, defendendo a minha identidade, métodos de planeamento, condução e gestão. No entanto, revelo que foi importante ser flexível e aceitar estratégias e/ou solicitações dos professores responsáveis.

Nestas aulas identifiquei que a identidade da escola EBES pode ser trabalhada de forma mais uniforme, existem várias individualidades profissionais que apresentam qualidades singulares. No entanto, apresentam formas diferenciadas de ver e pensar a disciplina de EF e a sua leção, ou seja, a uniformização dentro da instituição pode ser trabalhada por forma a uniformizar a disciplina. As reuniões entre os elementos são um bom ponto de partida para partilhar estratégias e método, bem como a partilha de um portfólio de exercícios. Além do mais penso que os professores se poderiam observar uns aos outros afim de promover a aprendizagem vicariante, bem como avaliar o colega e discutir novas ideias.

Todas as maneiras de ser e estar dos docentes têm claramente pontos positivos e negativos, observá-los permitiu-me crescer enquanto futuro docente. Com a observação e leção também aprendi novas estratégias com que poderei ajustar ou adaptar no futuro. Aprendi especialmente em termos organizativos de turma e de feedback, pouco deu para ver de questões de planeamento, disciplina ou avaliação uma vez que apenas se constituíram duas aulas por turma.

Os professores que acompanhei foram bastante acessíveis e colaborativos. Este foi um aspeto bastante importante e valorizado por mim, o qual transmiti aos diversos professores, agradecendo-lhes essa liberdade de escolha e intervenção.

A lecionação de diferentes anos de escolaridade, alunos com estados de maturação distintos e com maneiras de estar, agir e pensar a aula diferentes, não foram barreiras, pois existiu preparação prévia para o ajuste aos diversos contextos. Porém, destaco que a maior dificuldade nesta experiência, foi lecionar aulas de 45' pois não conhecia as rotinas da turma e o tempo útil de aula não foi aproveitado da maneira mais eficaz, o facto de desconhecer nomes e caras leva a que os tempos de transição fiquem aquém do pretendido, e pode ser melhorado de modo a aproveitar o tempo útil de aula.

Para finalizar, e como principal desfecho desta semana de trabalho diferente, destacar que fui ao encontro aos objetivos a que me propus e que propus para cada uma das turmas. Tive a oportunidade de lidar com alunos com personalidades diferentes não estando apenas conectado à minha turma e aos indivíduos que a compõem e isso foi um ponto positivo desta atividade. Em relação à comunicação com os vários professores do grupo de EF mantive o bom relacionamento e confiança que tinha com eles, o que foi muito bom. Na minha opinião semana completa deve ser incitada ao estagiário a ser feita no final do primeiro período por diversas razões, nomeadamente para: desbloquear a relação com os diferentes professores do grupo; conhecer o contexto; conhecer diferentes alunos; aprender novas estratégias de ensino.

### **5.3. Jogos Eugénio dos Santos**

Relativamente à Área 3 - participação na escola - concebemos e implementámos em núcleo, uma atividade de dinamização dentro das instalações da EBES, denominada de “Jogos Eugénio dos Santos”.

Uma vez mais, devido à pandemia, a atividade teve de ser concebida conforme todas as normas da DGS, logo, constitui-se uma articulação que abrangeu o Projeto Educativo, o Plano Anual de Atividades e outros documentos com as normas impostas pela DGS.

Imediatamente após debate em núcleo, decidimos em conjunto aplicar um *Peddy Paper* digital. O projeto destacou-se pela sua inovação e pela originalidade de o realizar com o auxílio das novas tecnologias. O planeamento, que teve êxito, contou com a criação de objetivos tangíveis e realistas, pertinência do projeto, procedimentos, calendarização. Posteriormente, quando todas as atividades deram por terminado,

realizámos uma avaliação do mesmo com intuito de interpretar o sucesso dos resultados.

A estratégia para este projeto consistiu em aliar as tecnologias com todas as disciplinas do currículo e área das DAC. Uma vez que em todas as estações do percurso estavam assinaladas com um código numérico, a inserção do mesmo no smartphone, mais especificamente no *Quizizz*, apresentava uma questão com opções de resposta e logo de seguida surgia no ecrã, de forma bem dinâmica, a pista com indicações ao alcance do lugar seguinte. Toda a trajetória percorrida pelas equipas foi deste modo realizada com o auxílio do software: *Quizizz*. De referir que para a participação no itinerário foi necessário ter um apenas um telefone com acesso à internet, o que foi uma estratégia positiva e simplista. Esta foi testada neste *Peddy paper*, teve sucesso e poderá ser utilizada no futuro com outros eventos semelhantes.

Relativamente à consecução da atividade, manifesto que demos início com uma turma de 9º ano a qual dois alunos não se encontravam com a predisposição indicada para realizar a mesma. Correu mal, os alunos seguiram as pistas de forma errada e propositadamente retiraram postos de controlo para que os colegas não pudessem ter sucesso na atividade, prejudicando todos os outros. Com esta primeira experiência ficámos desiludidos e céticos quanto ao plano desenvolvido por nós. Contudo, após uma conversa e reflexão ponderada em grupo decidimos manter os procedimentos para as restantes turmas na esperança que a atividade tal e qual como estava planeada tivesse sucesso. Ora a estratégia que adotámos de manter o método do *peddy paper* foi a indicada pois as restantes turmas concluíram com sucesso e entusiasmo a atividade, através do feedback dos docentes e mesmo dos alunos – retirado num questionário *google forms* – pudemos concluir que a atividade foi adequada, os alunos aprenderam novos conteúdos e no geral gostaram de participar. Portanto este feedback dos participantes indicou por si só que a atividade foi um sucesso e que apenas alguns alunos da turma do 9º ano vieram para destabilizar a atividade que foi proposta. Penso que não existe estratégia para impedir comportamentos tão irresponsáveis a não ser a interrupção do jogo ou mesmo a expulsão dos alunos desestabilizadores. Não aprecio de todo métodos punitivo, os quais evito ao máximo, no entanto torna-se imperativo uma posição forte neste caso uma vez que alunos destruíram códigos e engaram os colegas.

Em suma, apesar de não ser possível realizar atividade com a normalidade de outros anos, os estagiários concluíram, através da reflexão e da avaliação dos participantes, que a atividade foi um sucesso, especialmente na interseção entre as novas tecnologias e o tema das DAC. Através da mesma pudemos passar conhecimentos de forma divertida e diferenciada cumprindo assim os objetivos propostos para a mesma.

#### **5.4. Investigação – Como podemos evoluir e a quem nos rodeia**

Enquanto estagiários uma das áreas previstas no “Guia de Estágio” é a de Investigação e Inovação pedagógica, onde é pretendido, principalmente, o desenvolvimento de competências na construção de projetos de investigação e inovação relacionados com o contexto escolar.

Diariamente na EBES deparei-me, de um modo geral, com um grupo de professores com alguma experiência na área da educação, mas em contrapartida com necessidade de melhorar no que toca à utilização de tecnologias. Portanto, desde o momento em que comecei a testemunhar essas situações comentei com os restantes colegas do núcleo e procurámos desde então levar o assunto do projeto de investigação para o campo das tecnologias. O tema a desenvolver foi “o uso das tecnologias digitais no ensino da disciplina de Educação Física”. Tendo em consideração o contexto e as características dos indivíduos que compõem a comunidade de professores - tais como: hábitos; métodos de trabalho; cultura; recursos e skills – chegámos à conclusão que seria apropriado desenvolver um projeto no âmbito das tecnologias digitais e da forma como o uso das mesmas pode tornar-se num recurso valioso para as aulas de EF. Com o decorrer dos processos entendeu-se que se deveria centrar a investigação para o FITescolas e a sua plataforma digital, uma vez que com as pesquisas descobrimos haver um investimento governamental para a criação e implementação da mesma, no entanto, não passava de um recurso muito pouco utilizado no nosso agrupamento.

Com o desenvolvimento da investigação existiu a necessidade de formular uma questão de partida que se enquadrasse com o problema e que propicie a obter soluções: “Em que medida a existência de recursos digitais se podem constituir como um meio facilitador uniformizador na realização do protocolo FITescolas na educação física?”. A partir do momento em que se definiu a questão de partida iniciou-se um percurso delineado por várias etapas, com o objetivo de promover o desenvolvimento das tecnologias digitais e tornar claro a utilização da plataforma do FITescolas. As etapas compreendidas no projeto foram: organizar a investigação; quais os constrangimentos ao estudo; formular as questões-problema e quais as palavras-chave da investigação; elaborar as estratégias de exploração da problemática; realizar o design de estudo; desenvolver a metodologia; apresentar à comunidade educativa do AERDL e discutir dos resultados; concluir e avaliar o projeto. De uma forma geral faço um balanço positivo à organização de etapas, onde registamos algumas dificuldades na comunicação entre investigador-orientador, onde alguns conceitos e métodos não se encontravam

explícitos ao investigador mas mais tarde, com reuniões, foi possível ultrapassar essas barreiras.

Este estudo tornou-se pertinente pois a exponencial evolução das tecnologias e dos seus benefícios têm vindo a facilitar processos em quase todos os sectores, sendo que o sector da educação, mais propriamente nas escolas, não é exceção. Várias medidas governamentais foram criadas de modo que a educação acompanhasse o crescimento das novas tecnologias, portanto, a formação profissional de professores deve existir de modo a aprenderem a utilizar os programas criados, tais como o FITescolas, sumários online, moodle, ou mesmo o ensino em casa. Para além disso os professores podem e devem incluir o processamento e edição de texto digitalmente, para inúmeros fins; registo e armazenamento de dados sobre avaliação (formativa e/ou sumativa); para software e programas, sistemas multimédia e apresentações digitais; para a elaboração de vídeos de análise, equipamentos de utilização diária e também para planear métodos. Os métodos de ensino e a organização dos materiais de instrução podem desenvolver-se com o uso da internet, por forma a aumentar a comunicação, os recursos e ideias para as aulas. (Mohnsen, 2006) (Friedman, 2006).

O nosso estudo para além do FITescolas incidiu também sob os motivos e as barreiras às quais os professores não utilizavam as novas tecnologias. O objetivo passou por desmistificar essas barreiras por forma a que o processo de implementação destes recursos funcione com menor atrito possível. Ao nível da EF, o auxílio no processo de ensino é positivo em todas as áreas de extensão da disciplina, quer na área das atividades físicas, da aptidão física, mas também dos conhecimentos.

Após a definição da questão de partida e da fundamentação do subtema, iniciou-se uma revisão bibliográfica sobre estes. Ao trabalhar nesta temática apresentámos algumas dificuldades principalmente na obtenção de bibliografia no que diz respeito ao FITescolas. Não sabíamos como utilizar a plataforma ou mesmo como aceder à mesma. Para ultrapassar esta barreira no trabalho, requisitou-se o nome de utilizador e a *password* de um dos professores do grupo, e nós em núcleo realizámos a exploração da plataforma FITescolas. Ao utilizar a plataforma o conhecimento da mesma surgiu com naturalidade e percebemos que não existiam grandes dificuldades, tornando todo o processo intuitivo, logo esta situação reforçou o desejo de entender o motivo da não utilização da mesma. O passo seguinte foi a formulação da problemática, e a definição de hipóteses através da revisão bibliográfica. Portanto, da criação de teorias empíricas pela observação e dedução, as ideias experimentais de investigação começaram a surgir. Para responder à pergunta de investigação, obteve-se as respostas dos professores de EF através de um questionário realizado pelos elementos do núcleo,

com base na informação recolhida na bibliografia. A recolha de dados foi realizada, através do questionário realizado digitalmente na plataforma *google forms*.

Através do questionário verificou-se de que 37,7% dos docentes não conheciam de todo a plataforma FITescolas, ou seja, mais do que um terço da população de professores. Dos docentes que de facto conhecem, sabemos que das oito áreas que constituem a plataforma do FITescolas apenas uma é conhecida por todo o grupo, que é a área da aptidão física. Para além disso é importante referir de que apenas os cerca de 60% que conhecem a plataforma não explora todas as funcionalidades da mesma, sendo que se servem apenas por motivos de consulta de valores referencia.

A investigação procurou identificar os motivos pelos quais não é utilizada esta ferramenta e encontrou-se uma pequena ligação entre os motivos identificados no questionário pelos professores e bibliografia acerca das barreiras que impedem a utilização de novas tecnologias. As barreiras identificadas e respetivas soluções estão abaixo descritas na tabela de uma forma bastante sucinta:

| Barreiras   | Possíveis soluções   |
|---|--|
| Falta de recursos materiais e temporais                                   | Aquisição e melhoria de materiais  |
| Necessidade um programa de supervisão;                                    | Criação de um plano de apoio pelo subdepartamento<br>Interação entre professores<br>Abordar em reuniões    |
| Insuficiência de formação profissional;                                   | Atendimento a formações específicas (FITescolas)   |
| A cultura tecnológica existente;<br>Atitudes e crenças dos profissionais; | Sensibilização à utilização de recursos digitais<br>Mostrar evidencias das vantagens das novas tecnologias |
| Organização da Instituição escolar  | Associar o programa FITescolas à organização escolar.  |

*Tabela 2 - Barreiras e respetivas sugestões para utilização de novas tecnologias (programa FITescolas) na comunidade de docentes de EF*

Para apresentarmos o trabalho desenvolvido pelo núcleo, propusemos uma sessão de apresentação via “zoom”. A apresentação foi desenvolvida em formato digital PowerPoint e divulgada através de um cartaz concebido no Photoshop.

A sessão de apresentação ocorreu no final do terceiro período letivo e teve um tempo de duração de 17 minutos, correndo dentro dos tempos previstos. Mesmo com

divulgação atempada realizada através de convites e um cartaz, não existiu grande afluência dos colegas de mestrado, em contrapartida existiu uma grande afluência dos docentes do agrupamento.

Quando a apresentação finalizou, existiu entre os participantes um debate com duração superior a uma hora, onde surgiram inúmeras questões altamente pertinentes e uma consequente troca de argumentos sobre a utilização da plataforma FITescola, de realçar que todo este processo foi altamente rico em permuta de ideias, sendo que foram esclarecidas ideias a todos os participantes. Por fim, não podendo estender mais o debate por motivos de tempo da sessão, deixámos uma pequena nota de agradecimento. A importância da temática de investigação foi deveras elevada, e os próprios docentes do grupo agendaram um encontro para dar continuidade ao tema, para que no futuro possam, em conjunto, apreender e evoluir com a formação contínua e consequentemente utilizarem estes métodos na sua aula.

No que concerne à construção, quer do cartaz, quer do PowerPoint teve como foi sempre habitual uma supervisão dos professores orientadores sendo que no final o resultado foi positivo, onde a nível de quantidade e qualidade, os slides cumpriram o sugerido pelos professores orientadores e a informação foi sucinta e altamente completa, onde não só abordámos os conteúdos do nosso trabalho mas explicámos e demonstrámos algumas valências da plataforma do FITescolas o que foi uma estratégia extremamente positiva que interligou o debate com a apresentação. Relativamente à clareza do discurso, apesar de estarmos limitados no tempo, o treino da apresentação apontou resultados a nosso favor. Foi cumprido com o proposto, abordando o tema com o discurso completo e nos tempos certos.

Por muito que tenha sido difícil definir um tema, o grupo encontrou um problema real que naquele meio fazia todo o sentido abordar. Todos os professores presentes sem exceção avaliaram de forma muito positiva o nosso trabalho e estiveram com atenção à apresentação e uma participação muito ativa no debate.

No que concerne à maior dificuldade, incidiu sobretudo por em encontrar bibliografia referente apenas à plataforma FITescolas. Passei algumas horas a pesquisar sem encontrar informações relevantes até que recorri à ajuda dos meus colegas de estágio. Devo alargar as bases de dados e melhorar a escolha das palavras chaves. No entanto não apresentei dificuldades nas restantes tarefas, dediquei-me sempre em todas as fases do trabalho de investigação, mas incidi mais sob a realização do questionário, tratamento de dados e preparação dos conteúdos de apresentação.

## 6. Conclusões – O apito final

No momento de reflexão e conclusão do estágio, afirmo que a história na EBES foi com toda a certeza dura e extremamente exigente, onde duvidei das minhas capacidades, do meu conhecimento e das minhas crenças, em vários momentos. O caminho foi longo, mas acima de tudo prevaleceram as aprendizagens e o progresso.

A exigência vivida deveu-se ao facto de os orientadores de estágio desejarem que nós estagiários, prosperássemos enquanto professores e como consequência da sua preocupação, o ambiente tornou-se rigoroso, não tendo sido fácil lidar com isso. Ao mesmo tempo, este ecossistema em que vivi durante um ano acabou por colmatar a minha formação e contribuir para o florescimento das minhas capacidades profissionais. Para além disso, moldou significativamente a minha identidade profissional e o meu carácter pessoal, mas no final ajudou-me a subir patamares e a tornar-me num melhor professor, sendo esse um dos objetivos de estágio.

Em primeiro lugar, conhecer o agrupamento, a direção, membros administrativos, missão, visão e cultura permitiu-me ter outra abrangência do que é o universo escolar e de como podemos aliar o nosso esforço para melhorar o mesmo e consequentemente melhorarmo-nos a nós próprios. Essa abrangência de toda a cultura escolar, permitiu-me refletir e desenvolver o pensamento que me ocorreu durante todo o ano: “não penses só em como a tua instituição te pode ajudar a ti, pensa também em como podes ajudar a tua instituição”. Isto, porque se pensarmos em formas de evoluir o nosso local de trabalho, os colegas e a nossa profissão, estamos também a ajudar a nossa própria evolução, pois um ambiente onde existe dedicação e boas atitudes perante novas aprendizagens contagia tudo o resto, e se queremos melhorias não basta serem apenas a nível individual, mas também ao nível daquilo que nos rodeia.

Aquando das primeiras interações com os meus alunos, recorri às capacidades adquiridas no processo de socialização antecipatória e adotei métodos aprendidos durante a formação inicial. Após concluir algumas aulas com o sétimo ano, percebi que a formação inicial é bastante completa, mas insuficiente sem os processos de estágio, visto que muitos fatores não foram abordados nesse ano. Por exemplo, não existiram sessões de ensino simulado de aulas politemáticas - que se sucederam durante o ano inteiro na EBES – e, por exemplo, não se obteve um módulo que aborde com detalhe a plataforma FITescolas, que enquanto estagiário não dominava e com o trabalho de investigação pude visualizar os seus inúmeros benefícios. Tenho claro de que uma das minhas maiores dificuldades neste ano foi o de planear, no primeiro ano de formação faltou excelência de ensino nesta matéria e não chegámos devidamente preparados para elaborar um PAT, PE's ou planos de UE, os documentos que elaborámos estiveram

muitas vezes incompletos. Ainda assim, com muita pesquisa e cooperação entre os três elementos que compunham o núcleo de estágio foi possível aprender a planejar, mas foi um processo que não foi imediato pois ao longo do ano, aprendendo uns com os outros, fomos preenchendo lacunas que poderiam ter sido evitadas no primeiro ano de formação. Quanto aos processos de avaliação, a observação como já referi foi o que mais provocou dificuldades no entanto com as boas bases e as aprendizagens adquiridas no primeiro ano que foram muito completas, consegui cumprir recorrendo aos conhecimentos. Apesar de neste ano ter tido um método de intervenção com a minha turma é importante entender que o professor tem de estar em constante transformação, referencio Onofre (1995) quando indica que as fontes mais ricas de intervenção se encontram na maneira como cada docente tem a capacidade de construir diferentes soluções para prestar colaboração à aprendizagem dos seus alunos, bem como avaliar os efeitos de cada uma delas. O autor também refere que não existe um método que por si só seja melhor que o outro, ou seja, o mesmo método com alunos diferentes vai provocar resultados diferentes.

Destacar também o papel da supervisão pedagógica que se evidenciou, principalmente através de reuniões, por momentos de reflexão e aperfeiçoamento do desempenho do estagiário. Foi com base nesses mesmos momentos de reunião, discussão, observação e partilha de conhecimentos com orientadores e colegas que me permiti que houvesse evolução. Para além disso neste ano com tanta mudança e tanta incerteza não bastou o trabalho e a reflexão coletiva, foi deveras fundamental ter a capacidade de adaptação e muita reflexão individual sobre todas as ações. Tudo isto aconteceu para que se pudessem identificar necessidades de formação, reformular planeamentos, encontrar novas soluções mais adequadas e estar preparado para aplicar mudanças repentinas nos planos. De destacar que, inicialmente, desvalorizei erradamente este tipo de método, o que não foi um ponto positivo, pois mais tarde através de balanços, autoscopias sobre as atividades, a reflexão resultou e conseqüentemente surgiu uma modificação comportamental especialmente na área 1 de estágio.

Para além da adaptabilidade, destaco como pontos fortes do estágio a relação que consegui estabelecer com os alunos, a elaboração de pequenas regras, interpretar comportamentos, a leitura das fichas individuais que me permitiu desenvolver um laço com a turma muito positivo que durou ao longo de todo ano, inclusive no ensino online e após. Este relacionamento possibilitou-me ter um controlo da disciplina e do clima de aula muito positivo.

Ao mesmo tempo destaco o trabalho que realizei para além da disciplina de EF, pois considero que as atividades em FC foram inovadoras, significativamente positivas,

com impacto na evolução cognitiva, evolução cultural e sentido crítico dos alunos. Simultaneamente sobressaiu o produto final concebido no DE com a realização de uma coreografia de ginástica, gravada em vídeo para a posterior realização de um filme afim de suplantar a falta de competição, algo também criativo.

Marcou pela diferença como ponto positivo o período de ensino online, onde aproveitei o sentimento de autoeficácia e a capacidade de trabalhar com as novas tecnologias para a realização de filmes educativos e jogos interativos. Estes promoveram a aprendizagem e simultaneamente foram divertidos, animados e motivaram os alunos a permanecerem concentrados no momento de aprender em casa.

É importante também mencionar o papel imprescindível dos meus colegas de estágio naquele que foi o meu percurso. O ambiente vivido na EBES foi altamente exigente, mas nunca existiu competição ou rivalidade entre os pares do núcleo, em contrapartida vivemos todos uma “luta” conjunta onde a entajuda e a cooperação foram acompanhando os nossos passos pelo estágio. Desde o primeiro momento que existiu evolução e muita dela partiu das palavras dos meus colegas, espero no futuro estar presente num local de trabalho onde exista este tipo de filosofia de amizade e suporte, pois também são as bases para que possamos estar serenos e com alegria a realizar o trabalho de docente.

Portanto, durante este ano de estágio foi-me permitido adquirir e desenvolver inúmeras competências que nos dias de hoje me possibilitam desempenhar com maior habilitação e qualidade a profissão de docente. Apesar disso, é importante entender que o trabalho nunca estará concluído uma vez que irão aparecer dúvidas, inovações, mudanças e necessidade de me manter informado, apenas estando atento e trabalhar de modo regular posso ter melhorias no meu nível de conhecimento e conseqüente desempenho.

A minha personalidade calma de bom ouvinte e paciente, permitiu-me entender que o processo de estágio é sem dúvida alguma o momento de maior aprendizagem que tive, pois foi o que mais me influenciou. Este fez-me visualizar o “Henrique Antes do Estágio” e o “Henrique Depois do Estágio” e a diferença é enorme, sinto que sem os processos de estágio ficariam muitos conteúdos por aprender e já não me imagino a trabalhar sem eles.

Chego ao fim do percurso com o sentimento de dever cumprido e simultaneamente com as amizades e experiências que enriqueceram a minha vida.

## 7. Referências Bibliográficas

- Allen, J., Park Rogers, M., & Borowski, R. (2016). "I am Out of My Comfort Zone": Self-study of the Struggle of Adapting to the Professional Identity of a Teacher Educator. *Studying Teacher Education*, 12(3), 320–332.  
<https://doi.org/10.1080/17425964.2016.1228048>
- Alves, M. L. T., & Duarte, E. (2010). O processo inclusivo nas aulas de Educação Física: Um estudo sobre o teste sociométrico. *Revista da Educação Física/UEM*, 21(3), 479–491. <https://doi.org/10.4025/reveducfis.v21i3.7764>
- Araújo, F. (2015). *A Avaliação Formativa e o seu impacto na melhoria da aprendizagem*. [Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação - Especialidade em Teoria Curricular e Avaliação,]. Faculdade de Motricidade Humana. Lisboa
- Araújo, F., & Diniz, J. (2015). *A avaliação [formativa] em educação física. Breve síntese sobre a investigação realizada nos últimos 25 anos*, *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 39, 53-66.
- Boavista, C., & Sousa, Ó. (2013). *O Diretor de Turma: Perfil e competências*. *Revista Lusófona De Educação*, 23, 77-93.
- Borich, G. D. (2017). *Effective teaching methods: Research-based practice*. Austin: University of Texas .
- Brás, J., & Monteiro, J. (1998). *A importância do grupo para o desenvolvimento da Educação Física*. *Horizonte*, 15(86), I-XII.
- Carvalho, L. (1994). *Avaliação das aprendizagens em Educação Física*. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 10/11, 135-151.
- Costa, J., Onofre, M., Marques, A., & Martins, M. (2013). *A relação do trabalho coletivo do grupo de Educação Física com a gestão da ecologia da aula*. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 37, 61-80.

- Fan, W., & Williams, C. (2009). *Educational Psychology. The effects of parental involvement on students' academic self-efficacy, engagement and intrinsic motivation, Educational Psychology: An International Journal of Experimental Educational Psychology, 30(1) 53-74*
- Favinha, M. (2010). *Gestão intermédia nas escolas portuguesas — O caso do director de turma e a mediação da coordenação curricular no conselho de turma. Ensino em Re-Vista v. 17, 177-201.*
- Felder, R. M., & Brent, R. (2005). Understanding Student Differences. *Journal of Engineering Education, 94(1), 57–72.* <https://doi.org/10.1002/j.2168-9830.2005.tb00829.x>
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens. Desafios às teorias, práticas e políticas.* Lisboa: Texto Editores
- Fernandes, D. (2007). A avaliação das aprendizagens no Sistema Educativo Português. *Educação e Pesquisa, 33(3), 581–600.*  
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022007000300013>
- Friedman, A. (2006). *K-12 Teachers' Use of Course Websites. Journal of Technology and Teacher Education, 14(4), 795-815.*
- Guerra, M. Á. S. (2009). Almas tatuadas. Aprendizagens sobre avaliação a partir da experiência. *Revista Ciências da Educação, v 14, 101-113*
- Harlen, W. (2007). *Assessment of Learning. Assessment of Learning. London: Sage Publications.*
- König, J., Jäger-Biela, D. J., & Glutsch, N. (2020). Adapting to online teaching during COVID-19 school closure: Teacher education and teacher competence effects among early career teachers in Germany. *European Journal of Teacher Education, 43(4), 608–622.* <https://doi.org/10.1080/02619768.2020.1809650>
- Marques, R. (2002). *O director de turma e a relação educativa.* Lisboa. Editorial Presença.
- Ministério Educação. (2001). *Avaliação desempenho.* Lisboa. Ministério da educação.

- Mohnsen, B. (2006). *Using technology in physical education*. Lake, CA: Bonnie's Fitware.
- Mosston, M., & Ashworth, S. (2008). *Teaching Physical Education*. First online edition. Pearson Education.
- Onofre, M. (1995). *Prioridade de Formação Didática em Educação Física*. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 12, 75-97.
- Onofre, M. (2003). *Das características do conhecimento prático dos professores de Educação Física às práticas da sua formação inicial*. *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física*, 26/27, 55-68.
- Onofre, M., & Jardim, M. (2009). *As experiências do practicum e a sua influência no sentimento de auto-eficácia no ensino dos professores estagiários de educação-física*. In Rivas, M. R., Figuera, M. E. M., Enjo, L. L., Fernández de la Iglesia, J. C., & Abellás, A. P. (Eds.). *X Symposium Internacional sobre el practicum y las prácticas en empresas en la formación universitaria* (pp. 771-782). Espanha, Poio
- Onofre, M., & Ribeiro, J. (2009). *As percepções de estagiários e orientadores sobre a importância das técnicas de supervisão pedagógica num processo de estágio pedagógico em Educação Física* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Especialidade em Supervisão Pedagógica]. Lisboa:Faculdade de Motricidade Humana.
- Patton, K., Parker, M., & Pratt, E. (2013). Meaningful Learning in Professional Development: Teaching Without Telling. *Journal of Teaching in Physical Education*, 32(4), 441–459. <https://doi.org/10.1123/jtpe.32.4.441>
- Ribeiro, C., & Marques, P. C. (2010). Projecto Educativo de Agrupamento de Escolas: Um contributo para a sua compreensão. *Revista Portuguesa De Pedagogia*, 44(2), p. 81-92. [https://doi.org/10.14195/1647-8614\\_44-2\\_5](https://doi.org/10.14195/1647-8614_44-2_5)

Rosado, A. (2003). *Conceitos básicos sobre planificação didática*. Lisboa: Faculdade Motricidade Humana.

Siedentop, D., & Tannehill, D. (2000). *Developing Teaching Skills in Physical Education* Boston: Houghton Mifflin Company.

Turner, E. A., Chandler, M., & Heffer, R. W. (2009). The Influence of Parenting Styles, Achievement Motivation, and Self-Efficacy on Academic Performance in College Students. *Journal of College Student Development*, 50(3), 337–346.  
<https://doi.org/10.1353/csd.0.0073>

## **8. Documentos consultados**

Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (n.d.). *Projecto Curricular*. Documento não publicado.

Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (n.d.). *Projeto Educativo 2018/2022*. Documento não publicado.

Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos (n.d.). *Regulamento Interno 2018/2022*. Documento não publicado

Marcos, O. (n.d.a) *Programa da unidade curricular Formação Identidade Profissional de Educação Física*. Documento não publicado

Marcos, O. (n.d.a) *Programa da unidade curricular Orientações Metodológicas para o Ensino da Educação Física*. Documento não publicado

Rodrigues, A. (n.d.a) *Programa da unidade curricular Gestão e Cultura Organizacional Escolar*. Documento não publicado.

MEEFEBS, C. (2020/21). Proposta de guia de estágio pedagógico. Faculdade de Motricidade Humana.

SPEF, CNAPEF & COP. (Ed.). (2017). *Perspetivas futuras para o Desporto Escolar. Contributos para o projeto 2017-2021*. Jornada de Reflexão: desporto escolar 2017-2021, (1-6). Lisboa.